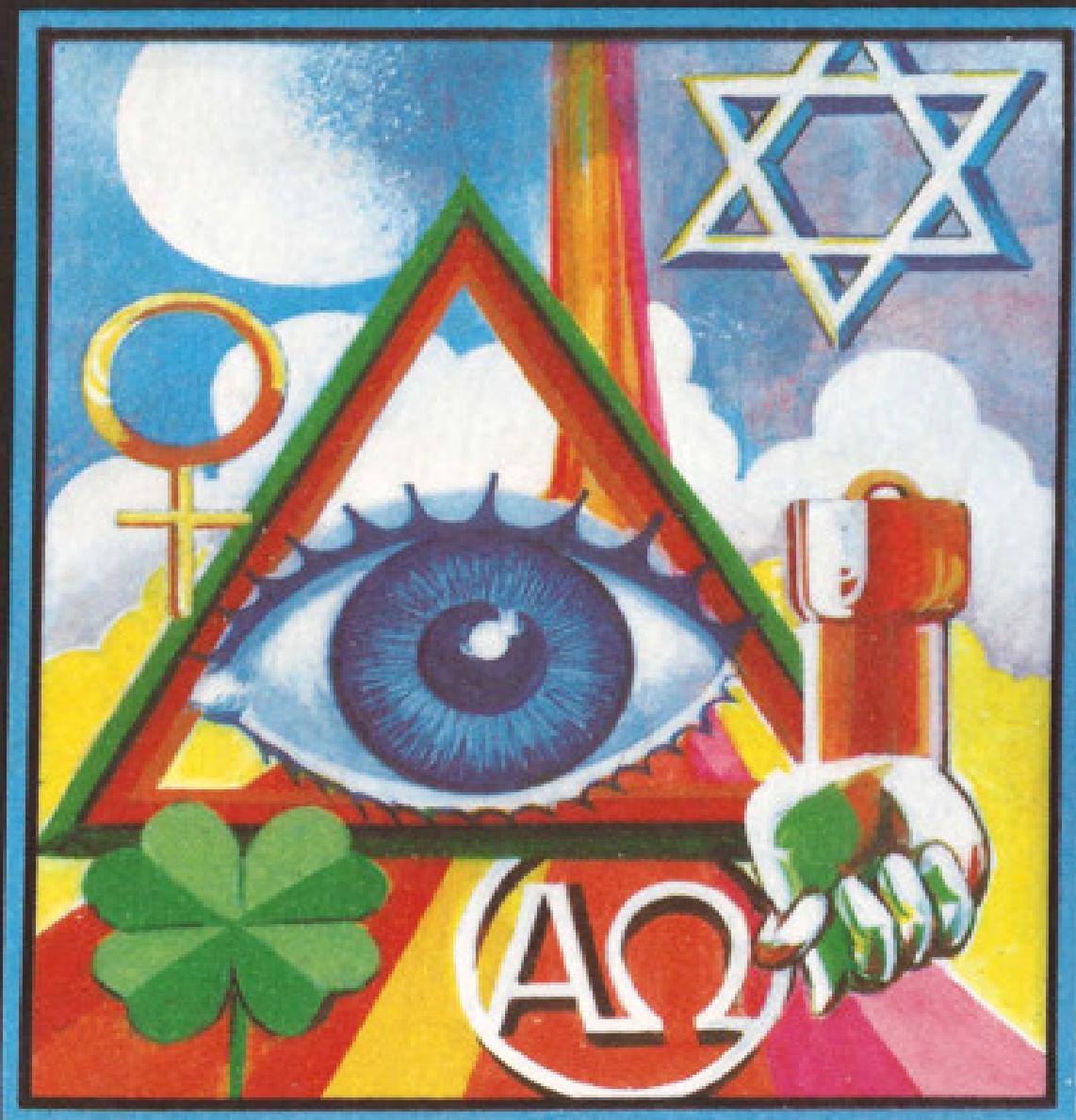


NOUD V. D. EERENBEEMT

SEU TALISMÃ PESSOAL

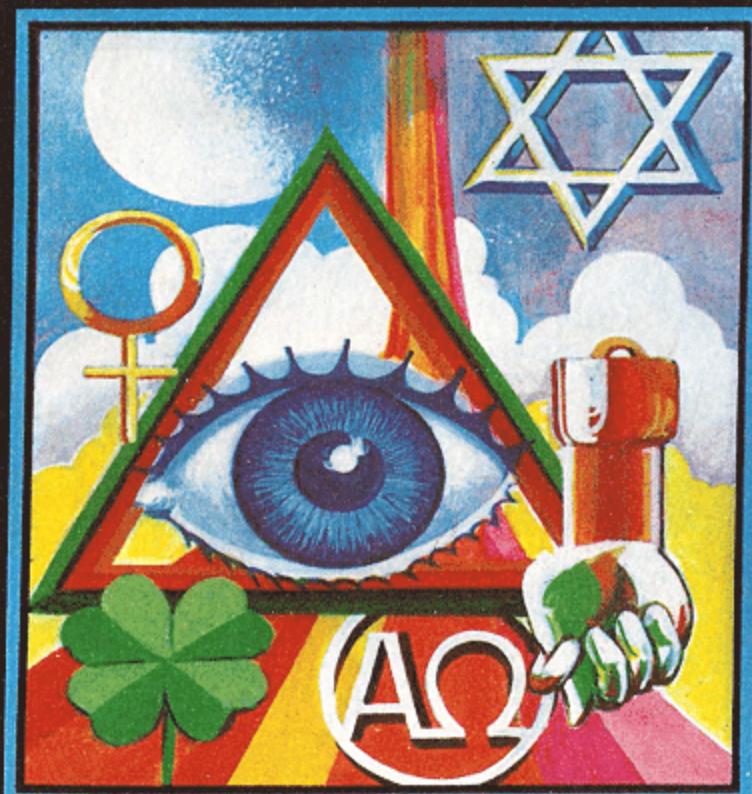
Manual de magnetismo e pranoterapia



NOUD V. D. EERENBEEMT

SEU TALISMÃ PESSOAL

Manual de magnetismo e pranoterapia



SEU TALISMÃ PESSOAL

O talismã, por sua configuração e por seu material, concentra ou amplifica as energias sutis da natureza, os influxos astrológicos, e nosso próprio potencial, latente na aura.

SEU
TALISMÃ PESSOAL

NOUD VAN DEN EERENBEEMT

SEU
TALISMÃ PESSOAL
Os amplificadores portáteis de energia

Supervisão da Série

MAXIM BEHAR
NORBERTO DE PAULA LIMA



Tradução:
Carlos A. Lauand

Composição, Revisão e Arte:
Estúdio Behar

Título original:
UW EIGEN TALISMAN

© Copyright by Uitgeverij Ankh-Hermes bv – Deventer, Holanda.

© Copyright 1984 by Hemus Editora Ltda.
Mediante contrato firmado com o Editor.

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus editora limitada

0510 rua da glória 312 liberdade caixa postal 9686
fone 2799211 pabx telex (011) 32005 edit br
endereço telegráfico hemec
são paulo sp brasil

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Conteúdo

1. O segredo do talismã	9
2. Essência e uso dos metais	19
3. As pedras e suas propriedades	27
4. A magia das cores	35
5. Simbolismo dos números	41
6. A força secular das runas.	55
7. A consagração do talismã	65
Índice	69

1 / O segredo do talismã

Desde o início dos tempos que o homem tem sentido a necessidade de formar uma aliança com os deuses, a fim de garantir a assistência de forças extremamente mais poderosas que a sua. Os aliados divinos habitavam em um reino próprio, muito mais elevado que a terra, e estavam prontos, após numerosas solicitações sob forma de sacrifícios propiciatórios, a vir em auxílio dos suplicantes mortais. Esta dualidade deus e homem, céu e terra, era somente fruto da cisão de um pensamento que não podia compreender uma Entidade sem limites. A formação de uma consciência espiritual conduz à idéia de que todo o universo é uma só coisa. Isso quer dizer que toda a natureza e todas as suas formas de vida são somente expressões de uma Entidade, que preenche toda a eternidade. Os milhões e milhões de sistemas da Via-láctea que se estendem ininterruptamente com incrível velocidade, os sistemas solares e os planetas que descrevem as suas órbitas, tudo o que vive, cresce, pulula e se desenvolve na Terra, mas também todas as formas de vida que se encontram nas profundezas do infinito espaço universal – tudo isto é somente a expressão material (“o corpo místico”) de um Fenômeno da Natureza, imenso e indescritível, que tudo comprehende.

Todo homem é uma determinação no tempo e no espaço, “aqui” e “agora”, deste Uno e em cada homem. Ele foi escolhido um centro focal. Não é realmente fácil tomar consciência desta unidade que tudo comprehende, e do Uno que nela se exprime. A natureza é insciente e, portanto, cada “eu” humano permanece na natureza separado e desligado de todo o resto. Cada indivíduo é um centro consciente no próprio universo pessoal, e desta sua individualidade ele tem profunda consciência. Cada vez mais forte, porém, percebe-se uma mudança que parte da idéia “eu e os outros somos um”. Esta consciência suscita cada vez mais o nosso interesse pelos outros. O núcleo essencial mais profundo da unidade – isto é, um todo – que ainda não foi tocado. A experiência consciente e verdadeiramente vivida (tornada vivente) deste Uno, que passa além de qualquer limite, terá lugar somente no fim de um longo caminho.

No termo "ser consciente", o acento cai na primeira palavra, *ser*. Isso significa que de nada serve somente "conhecer" ou "saber" o grande segredo da unidade de todas as coisas. É preciso fazer parte delas. Tão logo isso se verifica, o Uno se elevará por si só. O "eu" de uma personalidade humana ascenderá então completamente, como a fumaça que sobe no céu azul, até o Eu do qual se está tornando consciente, e daí aquele Uno que tudo comprehende: primeira pessoa cósmica no singular. Tão logo isso se verifica, divindade e homem, céu e terra, não estarão mais divididos. A presença reconhecida de um Deus que caminha na Terra é o fruto desta União Mística e somente assim o homem poderá reconduzir o céu sobre a terra.

O Todo já é um. A verdade nos torna cônscios de que todas as forças divinas, aparentemente projetadas de modo descontado fora do homem, no cosmo infinito, são na realidade o núcleo mais profundo do nosso *eu* mais íntimo. Nós mesmos sabemos disso. Quem tiver sempre presente este conceito nas páginas que seguem, poderá discernir facilmente a ação do talismã e do amuleto, e experimentá-la sem dificuldade.

Talismã e amuleto

O talismã e o amuleto são dois objetos diferentes que têm uma única característica em comum, isto é, são conservados com cuidado por seu proprietário e jamais confiados a outros. A ação do talismã é ativa. O talismã é dinâmico, ativante, fortificante e por isso comparado a uma espada. A força que nele se manifesta lhe é conscientemente confiada e fixada em sua força externa. Um amuleto é um objeto que, por natureza, possui a faculdade de neutralizar os influxos maléficos. Atua de modo defensivo e protetor, pelo que é comparado a um escudo. A força ativa do talismã ataca. A essência passiva do amuleto defende.

O homem ocidental, estranho à própria natureza (espiritual), não percebe mais a essência espiritual própria do talismã e do amuleto. Destes, bem conhece os efeitos materiais que se verificam sob seus olhos, mas visto que os seus olhos espirituais estão fechados, ele está somente em condições de observar e tocar a forma. O resto é para ele um enigma e um segredo que não lhe "diz" nada. Por isso se afasta dele, encolhendo os ombros. Para não ficar totalmente sem proteção, criou a mascote; um achado nascido da ignorância, assim como a bonequinha que dá sorte ao automobilista e o coelhinho do porteiro do campo de futebol. Tolo é aquele que espera uma ajuda espiritual dessas bugigangas.

Finalmente, para compreender a força e a ação do talismã e do amuleto há ainda uma coisa que nos parecerá evidente. A simplicidade é parte distinta da verdade. É já uma unidade, assim como a realidade espiritual de um indivíduo e a realidade material em que vive.

É somente esta sua realidade individual e espiritual que fora dele se materializa e se condensa em uma realidade diária. E é justamente esta realidade diária, material, a ser considerada em toda a "existência", sem que se conheça a consciência que esta realidade material familiar é somente um reflexo fiel da íntima realidade individual. Conseqüência inevitável dessa unidade é o fato de que todo acontecimento, todo desenvolvimento e toda (in)felicidade da vida cotidiana comum, é puro reflexo e expressão de um acontecimento, desenvolvimento ou (in)felicidade da própria vida espiritual. Desse modo, a essência de um indivíduo vai se exprimir em seu próprio destino e o interessado pode tornar-se consciente da própria essência, mediante um reflexo desta última na realidade material. Um amigo é a pessoa com quem se divide escolhas particulares, gostos e provavelmente as características. Na sua própria realidade individual diária, o amigo é portanto a personificação dessas suas escolhas, gostos e características. Nele se espelha uma parte de seu próprio ser e "quem se reflete em um outro se reflete com indulgência". O homem é a medida de todas as coisas e toda a natureza é a projeção vivente do ser humano. Os animais, por isso, tornam-se materializações, concretizações, expressões dos conteúdos animalescos da alma humana. Inconscientemente, nos apercebemos de que em uma lesma se reflete a nossa inércia, em uma lebre o nosso medo, em um asno a nossa teimosia.

As pessoas, que não são conscientes da indissolúvel unidade entre mundo interno e mundo externo, sentem a realidade cotidiana como uma incumbência permanente e cheia de perigos. Consideram-se "abandonados aos caprichos do destino" e não entendem que eles mesmos são esse destino. Experimentam enfrentar os obstáculos da vida com um amuleto, como um instrumento mágico de defesa. Nos países onde reina o medo do Mau-olhado (e onde o indivíduo vê inconscientemente refletidos naquele Olho os próprios lados negativos), o alho é instrumento de grande proteção. O alho é uma planta do fogo, que desperta a força vital e purifica o espírito, demonstrando dessa maneira ser a melhor arma contra a morte e a ruína semeadas pelo Mau-olhado.

O leão é o rei dos animais, corajoso como nenhum outro. Sua força é manifestada na sua formidável dentadura e isso explica por que o dente de leão é um amuleto particularmente apreciado. O leão

é a personificação natural das características espirituais leoninas latentes no coração de todo homem. Um dente de leão, levado como amuleto, atua de modo a fazer emergir essas qualidades desconhecidas. Quem carrega o amuleto "sente" a "proteção" e "o-leão-que-existe-em-si", afirma-se. O elefante é o símbolo de uma materialização de sabedoria e de sagacidade — lados do ser humano que no próprio elefante se materializam, fora do homem. Os pêlos são expressões materiais da força do crescimento e é por isso que nos países africanos usam-se anéis de pêlos de elefante como amuletos. Quem possui um amuleto ignora que uma parte de seu ser é assim externada. Ele sente, com efeito, um forte vínculo com o seu amuleto e lhe chegam segurança e confiança, sem perceber que se trata de um vínculo com base unitiva. O amuleto é um mero produto da natureza, que é formado de modo natural (inconsciente). Um talismã é uma criação espiritual, consciente, ao qual conscientemente é dada forma de modo que o conteúdo espiritual se exprima materialmente da maneira mais clara possível. Não nos ocuparemos muito dos amuletos, mas voltaremos toda a nossa atenção aos talismãs. Consideraremos inicialmente sua essência por meio de alguns exemplos.

O sol espiritual

Em todo indivíduo brilha um sol íntimo, espiritual, que é refletido do Sol externo, material. Uma pessoa pode, portanto, sentir tão intensamente a força divina, solar, interna, portadora de luz e de calor, que a guarda e a trata como o maior tesouro da vida. Desde aquele instante, toda a sua existência é dedicada ao desenvolvimento e ao crescimento dessa Luz. Esse conceito altamente espiritual se personificou nos antigos egípcios no ser do *Scarabaeus sacer*, o escaravelho estercoral. Este magnífico e reluzente coleóptero junta uma certa quantidade de esterco, nele deposita um ovo, amassa tudo formando uma bolinha de cerca de cinco centímetros de diâmetro, que faz girar no solo com as patas traseiras, empurrando-a para um local ensolarado. Ali, o ovo é incubado e a larva se nutre do esterco que a circunda. Os egípcios, já nos tempos mais remotos, tinham relacionado o coleóptero com o deus da criação e a bola que ele gira, fazendo-a avançar e da qual nascerá a vida, com o Sol. O deus da criação, na imaginação popular, fazia o Sol girar no céu, como faz o coleóptero na terra com a sua bola de esterco. O deus da criação era por isso chamado Kephara, o "Rolar". Os sumos-sacerdotes e os iniciados reconheciam no "Rolar" o próprio ser espiritual. O povo não o conhecia igualmente,

mas era também ciente de que o nascimento da luz, do calor e da nova vida expressa pelo Sol, seguido à manifestação do pequeno ovo, era emblemática. A fim de participar da obra divina da criação e para obter a força do “Rolador”, usavam os escaravelhos de pedra como talismãs. Nas múmias eram colocados escaravelhos-coração gravados com frases tiradas do Livro dos Mortos e que deviam garantir a ressurreição espiritual. Os egípcios conheciam inúmeros talismãs. Alguns entre os mais conhecidos são O Olho de Hórus,



os Dois Dedos, Os Cinco Passos, O Broche de Ísis, o Coração, o Ank¹, a Cabeça de Serpente. Em cada um deles estava materializado um indivíduo espiritual que todos podiam facilmente reconhecer. O antigo reino egípcio dos deuses não é o nosso, e a tradição ocidental tem os próprios símbolos. Deles, vemos quatro no talismã chamado Coroa da Magia. Acima deles são representadas quatro expressões da essência natural e espiritual do homem-deus. A primeira é a águia. É uma imagem da potência e do inacessível que pode se elevar a grandes alturas no céu. Se não me engano, a águia, como símbolo, é uma expressão do elemento água. A água representa a alma e tudo o que nela se encerra; o fogo é a luz do espírito, o “eu” consciente: “eu sou”, que ilumina e aquece, mas também pode queimar e destruir. O ar reflete o pensamento, bem como o humor caprichoso e a instabilidade que nele se exprime. A terra é o elemento da matéria e portanto aquilo que dá forma a tudo. A águia representa o elemento água, pois personifica a mutação de uma ideia, que antes era personificada pelo escorpião. Em astrologia, o signo astral Escorpião é um signo da água — uma condição de vida na qual a alma e os seus conteúdos tomam forma. O escorpião é um animal que se arrasta na terra e encontra sua estrada na matéria terrosa, rastejando sob e entre as pedras. Através disso dá-se um significado espiritual a toda espécie de forma reconhecível. A terra e as pedras são símbolos da matéria. Todo

1 Antigo símbolo egípcio da vida.

indivíduo conhece a força de atração da Terra por experiência própria e sabe que sedução exercem o dinheiro e os bens. O escorpião, por isso, que anda arrastando-se na matéria, representa a alma encadeada à materialidade terrena e às suas formas. É a imagem do indivíduo que se perde na ilusão de todas as possíveis coisas "terrenas" e, inconsciente como é, não consegue se libertar delas.



É um cansativo caminho a percorrer na vida e o escorpião reflete a alma que sofre uma catarse. A tradição diz que o escorpião é o único animal na natureza que se mata; o faz quando, circundado por fogo de todos os lados, não encontra caminho de saída. Também isto é puro metaforismo. Significa que o escorpião, a alma ligada à terra, dá-se à morte — ou seja, sofre uma mutação espiritual — que inflige a si mesmo. Isso se verifica não apenas com o fogo — a luz da existência consciente — o circunda por todos os lados. Então, assim nos dizem os antigos, efetua-se uma metamorfose e o escorpião, encadeado à matéria terrena, transforma-se em uma águia, que se alça na ilusão das formas e voa em direção ao Sol com poder real.



O segundo símbolo, o Touro, em astrologia, é um signo da terra e a "forma" que exprime é toda serena: a natureza, a posse, a atração natural entre os sexos, toda a potência e a beleza material. Trata-se dos conceitos "forma" e "desenvolvimento". O touro

alado exprime também uma mutação. O conceito "forma" então não mais está ligado às "formas terrenas" consideradas potências e bens terrenos, mas formas concernentes, potência e bens espirituais.

O Leão, o terceiro símbolo em astrologia, é um signo do fogo: uma manifestação do "ser consciente". O leão é o rei dos animais e, por conseguinte, o que impõe em todos os atributos "animais", tornando-se assim a expressão do "eu" terreno em sua totalidade. Todo indivíduo sente o Sol no próprio ser. Todo Sol é o ponto radiante central de um próprio universo e, por conseguinte, dirigindo ao "eu". O leão alado denota que mutação pode-se verificar em uma consciência terrena semelhante. No centro do universo espiritual do indivíduo, não se encontrará mais então aquele "eu" terreno com as suas ansiedades e os seus desejos, mas um Eu — um Sol atrás do Sol — a verdadeira semelhança com os deuses.

A Esfinge, quarto símbolo indicado no talismã "Coroa da Magia", é um enigma para muitos, se bem que faça parte da nossa realidade terrena de modo extremamente evidente. Vemos o corpo de um animal, com uma cabeça humana, isto é, dotada de inteligência humana (mente). Mas a palavra "mens" (mente) em latim significa "espírito"; a Esfinge é, portanto, um animal com rosto espiritual. A palavra "rosto" está ligada a "ver". Uma imagem mais evidente do nosso ser-homem não seria concebível, e é somente isso que a Esfinge nos quer indicar. O "homem-animal" tem um "segundo rosto". Ver com "os olhos do espírito" torna possível a contemplação espiritual e a penetração do todo representa o ar, elemento do raciocínio.

Não é de admirar que esse talismã seja chamado a Coroa da Magia e livre de toda aflição e sofrimento todos os que conscientemente o levam consigo. Os quatro elementos que o enriquecem fazem dele um talismã que deve ser conduzido por pessoas que seguem a difícil estrada da catarse.

Os passos de Buda

O talismã chamado "Os passos de Buda" é conhecido no Extremo Oriente como símbolo dos passos que todo espírito iluminado cumpre na Terra. A tradição conta que Buda tomou as medidas do universo ilimitado dando sete passos em cada direção. Símbolo maravilhoso! No simbolismo dos números, o 7 encerra a idéia determinante da "felicidade pessoal" e considera tudo o que se refere ao conceito dessa felicidade e ao nosso ideal. Todo ideal, de resto, é uma determinada forma de desenvolvimento ideológico:

"superação", "progresso", em breve "evolução". O iluminado que progride em todas as direções poderá tomar as medidas do universo ilimitado. Esta verdade se forma em um talismã; produzirá saúde, liberdade e todo o bem-estar dispensado a qualquer um que repise espiritualmente os passos de Buda.



Todo talismã se transmuda no próprio mito. É claro que o talismã, presente na superfície do ângulo popular, será sem dúvida mais eficaz. O antigo reino dos egípcios não é o nosso, e Buda não colocou jamais os pés em nossas regiões. Agora, que faremos para nós nosso próprio talismã, não nos serviremos desses símbolos exóticos. A sabedoria dos antigos pais se esconde na profundezia da nossa alma. Despertaremos cosmicamente as forças imensas nela adormecidas.

Nos símbolos seguintes, tratarei antes de tudo dos materiais com os quais trabalharemos e os instrumentos espirituais dos quais nos serviremos. Do que disse anteriormente, uma coisa deve ficar clara: todo talismã é um símbolo. Para despertar as forças espirituais ocultas em um símbolo, o significado espiritual do próprio símbolo deve ser *contínua* e *ininterruptamente* demonstrado. Somente assim infundir-se-á verdadeiramente vida ao talismã. Portanto, o talismã, visível e material, nada mais é que um "objeto de meditação" que ativa e evidencia um campo de energia espiritual exatamente determinado no próprio ser. Um talismã animado desse



modo, mesmo que propicie toda a felicidade, é somente a materialização de um talismã espiritual, "íntimo". O mundo exterior e o interior também formam um todo; a realidade e a eficácia exterior são unicamente o fruto da realidade e da eficácia interior. Quem considera sob esse aspecto a essência e a ação de um talismã, jamais será presa da superstição.

2 / Essência e uso dos metais

O universo é obra e essência de um espírito onipresente: um fenômeno da Natureza que tudo abrange e continuamente se reproduz. Percebemos esta renovação ininterrupta em tudo o que vive. Em toda parte em torno de nós germina a semente e nascem homens e animais. Neste processo, toda planta, todo animal, todo homem é único; isto é, único em sua espécie. Antes dele não havia nada como ele, e depois dele não haverá jamais ninguém como ele. A natureza não conhece repetições, mas se renova continuamente em uma mutação ininterrupta de formas e toda sua mudança é única. Toda folha de árvore é, a seu modo, unicamente ela mesma e diferente das outras folhas. Cada respiração humana é diferente da anterior e jamais será repetida. Cada animal é uma entidade própria e diferente dos seus genitores. Toda expressão da natureza é incomparável, e isso vale para cada grão de areia na praia, para cada onda do oceano, para cada rajada de vento, para cada impressão digital humana. Não há dois iguais; todo ser vivente é sem igual e não conhece o próprio semelhante. Toda a criação é uma unidade, em uma vertiginosa sucessão de formas. Uma formidável demonstração de força criativa verdadeiramente divina.

É o espasmo mortal de uma convivência moribunda a levar consigo a uniformidade no mundo: o idêntico, sem identidade própria, é então considerado na proporção de uma norma e tudo o que dele se afasta é suspeito de "anormalidade". A Uniformidade não conhece renovação nem diversidade e por isso justifica uma ação asfixiante e paralisante. Oferece todavia uma sensação ilusória de certeza, de proteção, e é por isso apreciada e conservada por ânsia de segurança. Mas até esta fé é mal escondida. Falta de vontade e discórdia caracterizam as pessoas que impedem a possibilidade de serem elas mesmas, e é esta frustração autocríada pela própria natureza humana a base das desordens que se produzem na vida em comum. É a própria natureza que ameaça sufocar e se lhe opõe com todas as forças. Somente com o ser completamente individualizado, isto é, diferente de todo o resto, o indivíduo poderá descobrir as próprias possibilidades, e assim fazendo, perceber as infinitas possibilidades que a vida lhe reserva.

Como as infinitas possibilidades do Uno se exprimem em cada uma de suas formas, dando assim a imagem exterior de uma “infinitade” interior, o Uno se espelha não somente no macrocosmo do todo, mas também no microcosmo da realidade humana. Isso reduz o mundo material a uma mera continuação do interior. Tudo isso nada vale senão pelos conteúdos espirituais do indivíduo, que se materializam na forma da realidade cotidiana — os medos existentes no coração de cada um assumem formas tão ameaçadoras no mundo exterior, que não podemos ignorá-las —, mas vale também para as partes desconhecidas do nosso ser, que aparecem de modo menos espetacular.

Plantas e metais

O ponto central do sistema solar é o Sol, materialização do espírito, criador de vida, entidade benéfica, fornecedora de luz e de calor. Ser cônscios, adquirindo assim a força de um amor consciente, é a fonte de toda luz e vida. Onde o sol espiritual não brilha, dominam a ignorância e o ódio, o frio e a escuridão, a morte e a destruição. Outros dados cósmicos são expressos pelos planetas, que giram em torno do Sol, simbolizando cada um deles uma determinada parte do nosso ser. Alguns desses planetas giram muito próximos do Sol e exprimem significados cuja compreensão se verifica em plena consciência. A unidade do pensamento de ser, “penso, logo existo”, é materializada pelo curso que Mercúrio, símbolo do raciocínio, descreve em torno do Sol. Todo o nosso sistema solar é um símbolo imenso, no qual Plutão — que reina no inconsciente (“o mundo subterrâneo”) — é o planeta mais distante do Sol. Esta parte obscura do ser é somente iluminada pela luz do nosso espírito, e é por isso que somente em 1930 os astrônomos observaram a fraca luz de Plutão. Aproximadamente no mesmo período, a psicanálise se tornou popular, o que significa uma posterior ampliação da consciência, que, em seguida à descoberta de Plutão, é materializada em “um sinal do céu”.

Cada planeta do nosso sistema solar é a expressão de um conceito. Vênus reflete os nossos sentimentos, Marte a força, Júpiter a prosperidade, Saturno as nossas limitações, etc. Essas características que se encontram em todo indivíduo se manifestam na forma terrena dos metais. Todos sabem o que significa “um punho de ferro” e compreendem por que o ferro é considerado o metal de Marte. Para os nossos antepassados, os ossos de Marte eram sepultados na Terra. O cobre, segundo eles, era “a ossatura de Vênus” e o chumbo “a de Saturno”. O cobre é flexível, mole e por-

tanto fácil de se modelar. Pode parecer opaco ou lúcido. Todas essas são características dos "sentimentos", que se exprimem em Vênus. Saturno é o planeta do destino humano, que pode ser "pesado como o chumbo". O ouro é o rei dos metais, expressão da força que se manifesta no Sol. A prata é o metal da Lua, e por isso, da alma, da mulher e do elemento água.

Portando determinados metais, podemos ativar as características correspondentes à nossa personalidade. Este é o ponto de partida de todo talismã. Isso constitui um todo e, consequentemente, a verdade interior poderá ser despertada pela exterior. O mundo interior espiritual e o mundo exterior material tornam-se, por isso, "uno e indivisível". Couro, pedra, pergaminho e madeira são materiais adequados para criar um talismã. Entretanto, os metais, pelas propriedades de sua natureza, são as matérias-primas mais indicadas. Por isso o talismã "que leva à luz" deverá preferentemente ser de ouro, e no que tange à alma, deverá preferir-se sobretudo a prata. O ouro é o metal que exprime, tornando-a consciente, a nossa mais íntima essência, e dele nos derivam a sabedoria divina, a verdade celeste e todas as bênçãos do espírito. Simboliza uma existência que supera todos os pensamentos terrenos. O amor consciente brilha em um coração de ouro. A prata é o metal que representa a entidade especular em que se reflete a luz espiritual do Sol: a Lua espiritual da alma. Todos nós, olhando-nos em um espelho, podemos facilmente intuir o perfeito significado da idéia "refletir-se" expressa pela prata. Falamos aqui de conceitos espirituais para os quais a prata não é considerada somente o "reflexo" da alma, mas também do homem em sua melhor expressão: a imagem rigorosamente reflexa do Uno. O reflexo da realidade exterior e interior faz com que a prata exprima também a potência da palavra; não é talvez sempre o espírito que se exprime na palavra? Por isso a palavra é de prata, o silêncio é de ouro. A prata é o metal da alma ao máximo nível e portanto material próprio para um talismã que ative a essência e a força da alma levando assim à superfície um bem precioso: a intuição.

O cobre é sólido e duradouro e simboliza o conceito "bondade natural".

Como metal de Vênus, favorece toda a parte do ser que se encontra em relação equilibrada com os outros. Na esfera de Vênus, conhecemos o cobre amarelo (ou de corinto) e o cobre vermelho bruto. O primeiro é reverbero do Sol, o outro de Marte. Um talismã dirigido para ativar a relação entre o "eu" e os outros é feito preferivelmente de cobre. O cobre, como metal, cura as doenças da pele, dos rins e as câibras; processos que "levam" à superfície fenômenos

nos emotivos, doenças e espasmos, que dependem de irritações e frustrações relativas aos vínculos espirituais.

O ferro é o metal de Marte, símbolo por isso da força, da energia e da violência. Pense na expressão "reinar com punho de ferro". Entretanto, é justamente essa força que permite ao homem enfrentar todos os obstáculos e atingir o próprio intento.

A água é o elemento da alma e das suas emoções.

O ar é o elemento do raciocínio. A interação da água e do ar enferruja o ferro. É a mesma interação exercida pelo lado espiritual desses dois elementos que pode enferrujar o ferro espiritual e torná-lo fraco e inútil. Toda a nossa existência é um único símbolo. Um talismã de ferro ativa o aspecto-Marte da alma. Para isso é muito importante ter presente o fato de que o ouro do espírito é um metal *nobre*. Pode-se somente adquiri-lo transmutando no próprio ser, em nobre ouro espiritual, os metais vis, como o chumbo da força de Saturno ou o ferro de Marte. Este é o grande segredo da alquimia pura e será talvez oportuno nos aprofundarmos mais no assunto.

Alquimia de todos os dias

O ponto de partida da prática espiritual da alquimia é a indivisibilidade da realidade interior e exterior do homem, assim como do mundo espiritual e material. Isso significa que o material metálico que observamos externamente a nós mesmos contrapõe um seu próprio pólo espiritual no nosso ser. Um pedaço de chumbo é a materialização do "chumbo interno", o elemento-Saturno, por ação da lei em que se exprime (lei de causa e efeito: "aquele que semeia, colherá") plasma o destino humano. Criador daquele destino, todavia, é o próprio homem. O homem, operando ininterruptamente no próprio ser, pode transformar o seu chumbo espiritual em ouro espiritual. Na alma, então, se desenvolverá um processo de nobilização que fará aparecer o bem supremo mudando completamente o destino de um homem. Os iniciados, após haverem conscientemente projetado no exterior este desenvolvimento interno espiritual sobre um pedacinho de chumbo interior, conseguirão transformar em ouro o chumbo externo. Para isso, o chumbo material sofre cerca de catorze lavras, cada uma delas uma materialização, uma "concretização" de um procedimento ao qual é submetido o chumbo interior. O "aquecimento" interior espiritual do ser se reflete no "aquecimento" do chumbo material, e assim por diante. A transmutação exterior que se exerce é somente a extrema consequência da indivisibilidade da realidade interior e exterior. Foram

exclusivamente os verdadeiros mestres da arte que levaram a bom termo esta transmutação e, na história da humanidade, não contaram senão algumas dezenas. O fato de a maior parte das transmutações aparentemente conseguidas serem frutos da impostura não impede que um grupo de iniciados tenha verdadeiramente sucesso.

O princípio da unidade de todas as coisas pode ter como resultado uma verdadeira alquimia que o chumbo material haja mudado em ouro material, mas dará também lugar a uma verdadeira transmutação. A projeção do que acontece à matéria poderá produzir grandes mudanças na vida de um indivíduo. Um exemplo: uma pessoa recebe regularmente a visita de um homem (ou mulher) pelo qual experimenta uma certa antipatia. Malgrado esta sensação de aversão, o visitante se apresenta regularmente à porta, e neste caso a pessoa que o recebe poderá perguntar-se: "O que há nele (ou nela) que me faz detestá-lo?". Admitamos que a resposta seja: "Ele/ela só fala de outras pessoas. Uma série de mexericos; não se fala do outro. Se eu entabulo uma outra conversa, apenas a escuta". Essa característica do outro é descrita pelo interessado com tanta exatidão, e tão violentamente contrastada, somente porque ela é inconscientemente reconhecitiva. Refere-se sempre à individualização de uma característica negativa própria (inconsciente). As vibrações unidirecionais se procuram sempre — todo semelhante procura seu semelhante — e por isso todo indivíduo, na realidade cotidiana, vê refletido exatamente o próprio ser. O que é condenado tão violentamente em um outro, é somente uma peculiaridade do caráter individual que éposta em confronto — face a face — no significado literal da palavra. Tão logo esta consciência tenha desaparecido, será possível tomar decisões e a alquimia diária cumprirá seu trabalho. Seguindo este "efeito-espelho", o interessado poderá especificar a própria característica inconsciente. Impõe-se a pergunta: "Será talvez que eu mesmo, sem sabê-lo, fale tanto dos outros?". Em muitos casos, trata-se da imagem enviada por um espelho deformante, isto é, que a peculiaridade individual é refletida em maior proporção que o normal, assumindo por isso formas grotescas. O mexerico, que na vida cotidiana continuamente se verifica, pode ser também somente uma personificação do próprio defeito de quem o recebe. Tão logo esclarecido esse conceito, a característica relativa poderá ser neutralizada. É possível chegar-se mediante a observação contínua e atenta das próprias ações, não desligada de uma pesquisa ininterrupta dos motivos pessoais, a: "Por que digo isso? Por que vou lá?". Tão logo o mexerico "interior" seja determinado desse modo, confrontado e feito calar, a sua personificação interior se dissolverá por si. O visitante indesejado se apresen-

tará em intervalos cada vez maiores e acabará desaparecendo completamente.

Este princípio unitário de todas as coisas e a possibilidade de podermos nos servir conscientemente dele põe o indivíduo em condições de ter o próprio destino nas mãos. O verdadeiro mestre é o que é mestre do próprio destino! Quem, em seu desenvolvimento espiritual, não se apercebe de algumas de suas particularidades, fastidiosas para os outros, verá continuamente a si mesmo confrontado com as mesmas características na realidade diária. Quem não pode deixar em paz o próximo, será por sua vez molestado continuamente e de modo muito eficaz! Não terá importância se o seu próprio comportamento molesto depende, ou não, de um sentido de responsabilidade mal compreendida. Quem insidia o próximo, será por sua vez insidiado por pessoas ou exigências. Uma solução será possível tão logo se comprehenda este efeito-espelho e os obstáculos sejam efetivamente removidos da vida interior do indivíduo. O pensamento "não posso fazer nada por isso" poderá, nesses casos, demonstrar-se paralizante e o indivíduo permanecer impotente diante do "reflexo" dos próprios maus hábitos. Toda pessoa pode se liberar, verificando simplesmente que ele mesmo é a origem do que lhe sucede.

Nem todos os metais são próprios para os talismãs. O mercúrio, que se encontra sob o signo de Mercúrio, é por sua natureza absolutamente inútil. O estanho é o metal de Júpiter: proporciona sucesso, crescimento, previdênciia, felicidade e liga-se com o cobre no bronze. Vénus e Júpiter se encontram muito ligados, e um talismã de bronze pode dar origem a um excelente aliado.

A forma do talismã

Um talismã de metal pode ter as formas mais variadas. A runa de conjunções que lhe constitui a parte central pode ser modelada em argila, e depois, por exemplo, fundida em bronze de modo a criar uma pequena "imagem" colocada em um local sempre visível. Pode-se também incidir a runa central em um anel, um bracelete, ou um brinco, de um determinado metal, e colocá-lo sempre em contato com a pele. É justamente esse contato estreito com a pele que provoca uma fusão do talismã "interior e exterior". O anel ou o bracelete serão levados à esquerda ou à direita, conforme se trate de um problema do coração (esquerda) ou da mente (direita). Os dedos da mão simbolizam as idéias, que são posteriormente elaboradas na quiromancia, mas das quais é bom saber que o indicador é o dedo de Júpiter, o médio o de Saturno, que no anular se



exprime a força solar (dedo de Apolo) e no mínimo a essência de Mercúrio. O anular é o dedo do ideal e da arte. Um anel de ouro na mão esquerda será a expressão de um aspecto consciente da vida afetiva. Um anel de prata na mão direita representará um aspecto afetivo do ser consciente. O anel, por sua forma, é símbolo da unidade e do infinito, portanto perfeitamente próprio para um talismã. As incisões podem se encontrar interna ou externamente. Quando o lado externo do anel permitir apenas incidir uma runa de conjunção e se quiser, por exemplo, enquadrá-la em um pentagrama, essa figura geométrica poderá por sua vez ser incisa no inte-



rior do anel, no ponto preciso correspondente à incisão externa da runa.

Se um talismã de metal em forma de anel, pingente ou bracelete for conduzido ou levado no curso de algumas gerações, de pai para filho ou de mãe para filha, aumentará cada vez mais a própria força e acumulará uma tal quantidade de energia cósmica de modo a produzir, apenas tocado, um efeito eletrizante. Por isso, é hábito que o talismã seja deixado como herança a um dos filhos. Se se trata de um bracelete ou de um pingente, aqueles que o levam durante sua vida devem mandar gravar o seu nome no interior ou atrás do objeto. Existem talismãs que passam, por centenas de anos, de geração a geração, e nos quais o nome do antecedente aparece apagado pelo contato com a pele dos filhos e netos.

3/ As pedras e suas propriedades

Um indivíduo é consciente somente do que é. A medida de seu conhecimento é determinante para o seu destino. Por isso, as indicações referentes à lavratura dos talismãs são acompanhadas de explicações com mérito à natureza do homem e à unicidade de todas as coisas.

"Assim no alto, assim embaixo." Os dez dedos das mãos (as nossas ações, as nossas obras) se refletem nos dez dedos dos pés (os nossos passos, os nossos processos). No simbolismo dos números, 10 é o número da perfeição e uma combinação de duas idéias: 1 e 0. O número 1 é o EXISTIR, de modo indeterminado, e é portanto o número da unicidade de Existir. Ao mesmo tempo, 1 é o número de EXISTIR de uma maneira determinada, na primeira pessoa do singular: "eu existo". O EXISTIR, na expressão "eu existo", assume uma determinação de tempo e lugar e, por conseguinte, também o número 1 deve ser considerado o número da individualidade. O 0, na realidade, não é um número, porquanto simboliza o nada. Também cada um de nós e todas as coisas em torno de nós provêm do nada. O 0 é, por isso, a expressão do conceito "possibilidade ilimitada" — do nada pode nascer tudo. Numerologicamente, representamos o 10 deste modo: $1 + 0 = 1$. Isso significa 1 (eu existo) + 0 (possibilidades ilimitadas) = 1 (um novo "eu existo"). Nos dez dedos das mãos e dos pés, são assim contínua e literalmente materializadas as ilimitadas possibilidades do nosso modo de agir. (O homem é, ele próprio, um símbolo.)

"Assim no alto, assim embaixo." O simples EXISTIR é a expressão espiritual de um EU CÓSMICO, que tudo circunda e que não conhece a si mesmo. Toma forma em um "eu" terreno e todos os dois se tornam uma unidade indissolúvel. Tão logo o "EU" cósmico atinge formas no mundo, identifica-se imediatamente com as próprias formas (um corpo, um nome, uma personalidade com todas as suas ansiedades, ideais, desejos) e toma consciência do "eu" terreno. O "EU" cósmico não conhece a si mesmo e somente incorporando-se pode atingir um certo nível de conhecimento. O núcleo da consciência assim adquirida é a primeira pessoa no singular de

EXISTIR: "eu existo". Este "eu existo" se identifica, no curso de sua existência, com muitas coisas: uma profissão, um lugar na sociedade, opiniões, conceitos, etc. O resultado é "um ponto de consciência do universo" e, por conseguinte, uma possibilidade para o "EU" cósmico em obter a noção da própria infinitude. Nós, homens, nada mais somos senão aparências daquele UNO. A nossa personalidade e o nosso corpo são o manto em que "ELE" se desenvolve durante a SUA estadia na Terra. Este formidável desenvolvimento espiritual do UNO encontra lugar no infinito, tanto no tempo como no espaço. No nosso sistema solar isso se verifica na Terra, o planeta que exprime a idéia da "materialização". A Terra é o campo de ação, os aspectos dos outros planetas ganham somente "forma". A evolução da humanidade reflete a evolução do UNO, como se verifica no nosso sistema solar. Para que o leitor possa formar uma imagem a esse respeito, deverá ter sempre presente uma coisa:

Eu e a humanidade somos um.

Refletir sobre isso um momento. Significa que cada indivíduo envolve toda a humanidade. Por isso, quando um homem coloca seu pé na Lua, dizemos: "O homem colocou o pé na Lua", e quando um homem escala o monte Everest: "O homem conquistou o Everest". Em cada indivíduo envolve-se toda a humanidade, e isso significa que toda aquisição espiritual obtida de quem quer que seja, onde esteja, ou quando seja, vem em proveito de toda a humanidade. Deste modo, o UNO se torna consciente em todo homem.

Um espírito que se desenvolve libera-se lentamente da estreiteza do mundo material. A natureza do conceito "forma" é então desprezada. Isto não significa que a matéria seja desprezada ou que o conceito "forma" desapareça da vida. Significa que o mundo das formas é considerado não mais que um "dado matemático"; o necessário é elevar o total ao quadrado. Junto a esta liberação do espírito, produz-se também na terra um aprofundamento da consciência nas ilusões das formas materiais. Então os bens, o poder, e também o corpo e os sentidos, serão outros tantos artigos dos quais o espírito não consegue mais se livrar: basta olhar em torno. A evolução se encontra, assim, ao lado da involução. São dois pólos da existência e mediante a sua recíproca ação se revelará uma terceira força: o *crescimento*. É somente descobrindo o porquê de uma carência que podemos remediar.

O poder de atração das formas materiais é grande e está insito no sentido literal das palavras: "atração terrestre". Um princípio,

este, sempre presente, ao qual todas as coisas existentes estão sujeitas neste ponto do espaço.

Um indivíduo é consciente somente daquilo que é. A medida da consciência é determinante para o seu destino. Um conhecimento cósmico dá forma a um destino cósmico. Significa aprendizado, a experiência, a ESSENCIA, da unidade indissolúvel entre o EU e o "EU", isto é, do TODO. Não apenas o EU cósmico se realiza assim em um indivíduo, o "EU" terreno é absorvido pelo EU; um acontecimento espiritual, não diferente da morte espiritual do "EU". O homem, cuja sorte reserva esta experiência, está ainda neste mundo e a morte material não o amedrontará mais.

A pedra filosofal

O novo conceito que dá a sensação do infinito é a pedra filosofal sempre procurada pelos alquimistas. As pedras sempre foram consideradas ligadas à sabedoria, e quem investiga o reino mineral perceberá, bem depressa, como toda pedra encontra sua exata colocação. Ser uma pedra significa ser solidificado, permanente e consciente. A sua característica principal é a imutabilidade e, o mais das vezes, a salvação. São duas características que a pedra tem em comum com a verdade, e como uma pedra pesada, também a verdade pode ser para muitos uma carga gravosa. Outra propriedade é a dureza, que se manifesta nas pessoas de "coração de pedra"; a dureza das grandes cidades se reflete na selva de pedras de que é formada. As pedras preciosas são comparáveis aos gentis-homens, plasmados com uma sabedoria e com um conhecimento mais elevados; as transparentes, completamente claras, refletem o espírito e podem cintilar e brilhar; as semitransparentes, em que a luz parece afogar-se, representam a alma e os seus conteúdos, e são a sua expressão. As pedras opacas, finalmente, são as mais terrenas, e por isso representam a "solidificação" da parte terrena do nosso ser, isto é, a nossa vontade.

Toda pedra preciosa é, por sua própria natureza, um talismã. Muitas vezes é conduzida justamente com essa finalidade. Entre a pessoa que a leva e a própria pedra cita-se, no decorrer do tempo, um estranho vínculo místico, pelo que ela se torna uma verdadeira materialização de uma parte de seu possuidor. Consideremos o caso de uma mulher que, um dia, receba de presente um anel com um olho-de-tigre. Esta pedra dourada-marron é um quartzo e atua contra o mau-olhado. Nos países nórdicos, é considerada um amuleto pára-raios. Nas ciências metafísicas, é considerada uma pedra que favorece o conhecimento dos próprios erros e dos próprios defeitos. A mulher a levou por muitos anos em virtude desta última

consideração. Toda vez que ela o colocava no dedo, repetia consciamente a si mesma: "Ajuda-me a descobrir as minhas imperfeições". Um dia — enquanto lavava as louças, estando absorta em um exame de consciência — passou-lhe rapidamente pela mente, com deslumbrante clareza, qual era o seu maior defeito: era algo do qual ela, até aquele momento, não se tinha apercebido. No mesmo instante, o anel se partiu. Um acontecimento interior se exprimia, assim, àquele momento, com um acontecimento exterior. A obra do talismã estava executada, tão grande era a coexistência entre a pedra e a pessoa que a levava!

Há pedras que preservam o possuidor contra a desgraça e, no mesmo instante em que esta é frustrada, se quebram. Entre estas, temos a ametista, a opala, a cornalina e a turmalina. O coral vermelho perde a cor tão logo o portador adocece, especialmente de anemia, doença que é efetivamente caracterizada por um "empadilhamento" do sangue! O límpido cristal de rocha — uma pedra do Sol — pode conduzir a uma profunda compreensão espiritual aquele que ininterruptamente o leva. Claro como a luz do Sol, cura toda espécie de melancolia, pára as hemorragias e é um remédio contra as vertigens, as diarréias e os espasmos. Trazem até a prosperidade.

As pedras preciosas encerram forças cósmicas e toda pedra é uma "personalidade" na qual as forças se exprimem de modo próprio. As personalidades das pedras são, de fato, diferentes das dos homens. Apresentam muitos lados pelo que todo observador vê nelas alguma coisa de si. Justamente por isso não se deve estranhar se as pessoas não tenham sido nunca completamente concordes com a correspondência astrológica das pedras. Uma autoridade do fim da Idade Média, Agrippa van Nettestein (1486-1535), nos deixou esta relação:

Áries	sardônica, ametista, diamante
Touro	cornalina, turquesa, jacinco, safira
Gêmeos	topázio, ágata, crisópraso, cristal de rocha, água-marinha
Câncer	topázio, calcedônia, ônix negro, selenita, pérola, olho-de-gato
Leão	Diaspório, sardônica, berilo, rubi, crisólito, turmalina, às vezes diamante
Virgem	cornalina, esmeralda, jade, crisólito, jacinco
Balança	berilo, coral, lápis-lazúli, opalas, às vezes diamante
Escorpião	ametista, berilo, sardônica, água-marinha, carbúnculo, topázio, malaquita

Sagitário	jacinto, topázio, crisólito, esmeralda, carbúnculo, turquesa
Capricórnio	crisópraso, rubi, malaquita, ônix branco e negro, azeviche, selenita
Aquário	cristal de rocha, safira, granada, citrino, opala
Peixes	sarifa, diaspório, crisólito, selenita, ametista.

Nellie Uyldert, partindo de afinidades interiores, apresenta, ao invés, a seguinte divisão:

Áries	diaspório (slice), rubi
Touro	safira azul, quartzo rosa, lápis-lazúli
Gêmeos	citrino, cristal de rocha, água-marinha, olho-de-gato e olho-de-tigre
Câncer	esmeralda, olivina, serpentina, calcedônia (branca)
Leão	quartzo, almandina (carbúnculo), olivina (crisólito), diamante
Virgem	cornalina, ágata, sardônica
Balança	esmeralda, aventurina, rubi balaxe, jade, nefrita
Escorpião	granada, pedra-sangüínea (hematitas), berilo, piropo, espinélio
Sagitário	topázio, jacinto
Capricórnio	quartzo de rocha, ônix, azeviche
Aquário	turquesa, malaquita, amazonita
Peixes	ametista, opala, selenita, cascalho (slice)

Não existe nem mesmo conformidade de julgamento em favor das correspondências com as forças dos planetas. O melhor modo é o de reconhecer a cor da força planetária, refletida na pedra correspondente. Em um dos capítulos seguintes, será amplamente analisada a natureza das cores.

Escolha intuitiva

Em essência, a pedra reflete otimamente o esquema espiritual escolhido de maneira absolutamente intuitiva. A pedra mais intimamente ligada à alma é aquela que exerce um fascínio muito especial, cujo frio contato é benéfico e cujos profundos segredos representam uma fascinante pesquisa para quem quiser encontrá-los. Naquele preciso momento — dado que o homem é mutável — aquela pedra é o melhor dos talismãs. Não pretendemos que, depois de longas reflexões e estudos comparativos, de vários volumes, seja a pedra escolhida com determinado critério. Aqui se trata de um lado

da alma, será por isso a alma que deverá fazer a escolha que lhe indicar.

Se se procura um talismã que deve corresponder a uma finalidade claramente definida, será conveniente uma escolha baseada nas seguintes indicações:

<i>Água-marinha</i>	pedra da juventude, da esperança e da saúde
<i>Ágata negra</i>	torna corajosos e intrépidos, favorece a prosperidade
<i>Ágata vermelha</i>	proporciona paz e calma, protege contra picadas de serpentes e do raio
<i>Ametista</i>	acalma o coração e protege contra a embriaguez
<i>Berilo</i>	reforça a vida espiritual e a esperança. Houve época em que o berilo branco era lapidado para fazer lentes de aumento
<i>Calcedônio</i>	protege o viajante, afastando desgraças e discórdias
<i>Carbúnculo</i>	resolução, energia, confiança em si próprio, bem-estar físico
<i>Coral</i>	dedicação, afeto, protege contra doenças
<i>Coríndon</i>	firmeza espiritual
<i>Cornalina</i>	amizade, encorajamento
<i>Crisólito</i>	sabedoria, cautela
<i>Diamante</i>	afeto e fidelidade, cordialidade e sinceridade
<i>Diaspório</i>	alegria e felicidade. Alivia as dores
<i>Hematita</i>	atenção, vivacidade, sexualidade
<i>Jade</i>	força e energia
<i>Granada</i>	energia, dedicação, fidelidade, simpatia
<i>Lápis-lazúli</i>	capacidade, sucesso, favor divino
<i>Malaquita</i>	consola um amor infeliz e acalma os desejos
<i>Olivina</i>	simplicidade, modéstia, felicidade, alegria
<i>Ônix</i>	protege contra os pesadelos; afasta as desgraças
<i>Opala</i>	segurança, fidelidade, prece, vida religiosa
<i>Peridoto</i>	reforça a amizade, protege contra o fogo celeste
<i>Pérola</i>	pudor, pureza (se levada imerecidamente, produz lágrimas)
<i>Rubi</i>	amor, beleza, intuição, vitória
<i>Selenita</i>	pedra da esperança e da pureza, enobrece a vida sentimental
<i>Esmeralda</i>	constância no amor e fidelidade. Pedra que revela o futuro
<i>Topázio</i>	amor, afeto, simpatia

Turquesa
Safira

dá a coragem que conduz à vitória
inocência, verdade, saúde, conserva a castidade.

O reino mineral se compõe de um número tão elevado de elementos adequados à criação de talismãs, que não foi possível enumera-los todos neste capítulo. Em relação às pedras que mereciam realmente maior atenção, detivemo-nos apenas brevemente sobre elas. Quem se propõe à criação de um talismã, não deve necessariamente servir-se de uma pedra. Mais adiante, neste volume, tratarei das runas, que são a base essencial do talismã. Nem todas as pedras são próprias para serem incisas com os sinais rúnicos. Entretanto, quem desejar escolher um mineral adequado e orientar-se anteriormente no mundo das pedras preciosas, aconselho aprofundar-se na ampla literatura que existe a esse respeito. O que acima foi descrito deverá ser considerado somente como ponto de partida.

4 / A magia das cores

O que é a luz? A luz é algo que nós mesmos não podemos ver, mas que nos torna todas as coisas visíveis. A luz é também o exemplo mais evidente da unidade entre ser e forma: é sempre energia e, ao mesmo tempo, *manifestação* da energia. Como a luz do Sol ilumina a nossa realidade cotidiana, assim a luz espiritual do sol espiritual, do nosso ser consciente, atua em nossa realidade espiritual. Ser consciente nada mais é que ser na primeira pessoa do singular — “eu sou!” — e é esta luz do “EXISTIR” que nos torna conscientes da nossa existência e da dos outros. É também esta luz espiritual que expande o seu esplendor em nossa personalidade (tornando assim o nosso ser visível aos nossos próprios olhos); é uma indissolúvel unidade de energia cósmica e junto à sua manifestação. A luz da qual estamos falando, na essência mais íntima, é a *Luz Branca*, na qual o místico ascende a um estado de êxtase. É de uma incrível intensidade, pureza e esplendor, e para exprimi-la não há palavras. A criação, ao invés, é como um prisma, do qual cai a luz, transformando-se em um espectro de cores claramente perceptíveis. Dizendo com palavras pobres: nenhum homem pode fixar longamente o Sol, a formidável fonte de toda a luz; quem-lhe-ia literalmente a vista. Ninguém, de resto, estaria em condições de avistar outra caos de luz e de esplendor. Mas deixe que esta luz seja filtrada por um prisma e repentinamente seja decomposta em cores que ofusciam a vista. Justamente como a luz, de que são parte unitária, toda cor representa uma energia e a sua manifestação.

Muito tempo antes que a ciência dividisse a amplitude dos períodos de vibração das cores em comprimentos de onda com Angström Eencheden, os antigos egípcios já possuíam uma perfeita psicologia das cores. Apercebiam-se da natureza e da formação das cores e em seus templos encontravam-se “vestíbulos de cor”, onde doentes mentais e do corpo submetiam-se a cromoterapias. O nosso ambiente diário é constituído de forma e cor. De todas as cores presentes na natureza, o olho humano pode perceber somente um pequeno espectro. O infravermelho e o ultravioleta podem somente

ser distinguidos por meios adequados, pelo que se evita a verdadeira orgia de cores completamente verde-azuladas, que uma abelha descobre no cálice branco de uma flor; nem temos a mínima idéia das mais variadas cores ultravioleta que a mesma abelha encontra em uma rosa vermelho-escura. A erva, no entanto, é percebida como incolor pela abelha, à qual nada pode oferecer.

A cor tem uma base dominante na vida de todo indivíduo: exprime as suas disposições de ânimo, os seus sentimentos, e a sua alma não sente o frio e o calor.

Vermelho é o sangue, azul o céu, verde a natureza. Vermelho é a cor de Marte, uma expressão de força e de energia, uma cor quente que vibra distintamente, uma cor alarmante por natureza: pensa nos sinais de parada e de perigo! É também a cor do fogo e de tudo o que se refere à sensualidade, à excitação e à inflamação.

Quão reservado, ao invés, é o azul! Veja um céu dessa cor e lhe parecerá vê-lo recuar cada vez mais. É a cor das grandes altitudes e profundezas e, por isso, no plano do espírito, é ao mesmo tempo uma cor de elevação e de aprofundamento espiritual. Tudo isto faz do azul uma cor fria.

A palavra "natureza" deriva do latim "nascere", "estou nascendo", e toda a sua ininterrupta revelação, todo o seu crescimento e o seu desenvolvimento, mas também a sua fecundidade e impulso à materialização, a natureza o exprime com o verde, que se torna uma cor de esperança.

Indubitavelmente, portanto, na criação de um talismã, a cor assume um papel importante. A percepção de uma cor, de fato, dá lugar na alma a uma vibração análoga com a qual se reconhece a expressão cromática. Ouro e amarelo, prata e branco, vermelho, azul, verde, negro, cada uma delas tem um papel na realização de um talismã. Antes, porém, de considerar que cores devemos escolher para um determinado talismã, será talvez melhor penetrar mais profundamente na natureza das próprias cores. As principais cores são sete e cada uma delas, por sua vez, contém sete elementos. Uma cor, antes de mais nada, é uma manifestação material. O segundo elemento é a força vital que nela se encerra. Além disso, toda cor tem o próprio significado psicológico e uma ligação com as outras cores do espectro. Em toda cor se esconde uma própria força ressonadora, uma característica inspiradora, e finalmente um elemento de altíssimo significado espiritual.

Estes conceitos eram conhecidos desde os tempos antigos. Heródoto refere-se ao fato de que cada um dos sete muros que fechavam a cidade de Ectabana tinha a cor do planeta correspondente.

A famosa Zigurate dedicada ao rio Nebo em Borisppa — torre

para observações astronómicas — tinha sete passadicos, que juntos representavam as cores do espetro.

A cor, com efeito, é uma força cósmica — uma força vital — e a forma externa é somente a reprodução material de um corpo espiritual. Quem quiser aprender a conhecer estes interiores de uma cor, poderá fazê-lo escolhendo uma hora fixa diária, na qual, de olhos fechados, procurará visualizar uma cor, e para isso, evocá-la ao espírito. Assim, a natureza espiritual de cada cor será ativada na alma do próprio observador. O resultado poderá superar qualquer expectativa. O dr. Edwin Babbit, um dos pioneiros da cromatologia, escreve em seu livro *Principles of Light and Colour*: “Em um quarto escuro, e de olhos fechados, comecei a ver a formação do meu (ser) íntimo e depois de alguns meses estava em condições de perceber maravilhosas luzes e cores, que nenhuma linguagem poderá descrever, nenhuma mente poderá conceber, sem percepção direta. Quando, depois daquele esplendor, abria os olhos, olhando para o céu, tudo em torno de mim parecia incolor, opaco e pálido. As vezes sentia fluir do meu ser fontes de luz que se dirigiam ao horizonte, onde as perdia de vista. Geralmente, porém, apareciam lampejantes correntes de luz, que se moviam para cima e para baixo em linha reta, não obstante aparecessem toda vez efusões fluidas que se levantavam em espiral. Quão esplêndido e maravilhoso parecia então todo o resto, as infinitas radiações, fluxos e correntes luminosas, que, sem parar, se moviam *Das, Nas e Através* de todas as coisas e enchiam o espaço circundante com cintilantes efeitos luminosos! Creio que se aquelas extraordinárias correntes de força, que se moviam em todas as direções, fossem repentinamente visíveis aos homens, muitos deles, ignorantes, tomados do medo, perderiam o juízo”.

As sete cores

As sete cores visíveis ao homem correspondem aos sete chakras, às sete notas da escala musical e aos sete planetas. Toda cor possui a própria força curadora e esta pode ser empregada psicossomaticamente ou mediante irradiação na gama adequada. Visto que as forças espirituais das cores são ativas na alma humana, é impossível ignorar a sua presença na aura. A aura é uma irradiação de finíssima matéria, percebida somente pela sensibilidade de poucos. Uma viagem da aura é, grosso modo, visível nas cores das roupas que vestimos. Sobretudo as “cores preferidas” são um reflexo evidente das cores internas: de fato, as almas incolores e cinzentas se vestem, de preferência, de cinza.

Vermelho

É a cor da energia, da mente dirigida a uma finalidade e da vitória. O vermelho-sangue, um pouco turvo, reflete a sensualidade e a sexualidade da mente física. É a luz que brilha em alguns quartelões das grandes cidades. O vermelho é a cor de Marte; uma vibração excepcionalmente estimulante, que exerce uma ação excitante nos casos de abatimento. Ambientes frios podem ganhar calor pelo efeito de uma coloração vermelha. O vermelho-claro pertence a Áries, o vermelho-escuro é próprio de Escorpião.

Laranja

É uma cor quente, positiva, excitante, que estimula a força vital. É também uma energica vibração, à qual não é preciso expor-se muito tempo, nem muito freqüentemente, porque nesse caso suscita irritabilidade. Um quarto com tapeçaria de cor laranja-vivo é alegre e refrescante por alguns instantes, mas não para permanecer nele durante muito tempo.

Amarelo

Cor na qual se exprimem luz e energia. Favorece a intuição e a ação espiritual, atua como inspiradora e faz nascer as idéias. A sua ação sobre o sistema nervoso é purificadora. É a cor da inteligência, do juízo, e corresponde ao planeta Mercúrio.

Verde

Cor de juventude, de fertilidade e de fecundação. Vibração perfeita de harmonia e de equilíbrio; estranha a qualquer agitação e irritação. O verde faz desaparecer o cansaço e infunde novas energias. No espectro das cores, é a central. É a força do crescimento e o seu planeta é Vênus.

Azul

É uma vibração fresca, uma irradiação elétrica calmante, em contraste com o "magnetismo" do amarelo. É uma cor tranqüila, que acalma e favorece a calma e o sono. O azul é também a cor da contemplação e da meditação. O elevado amor espiritual, a imensidão e ilimitação encontram no azul a sua expressão. Tudo isto faz com que o azul seja a cor de Júpiter. É a irradiação da dedicação a um grande ideal e a um elevado desenvolvimento espiritual.

Anil

É a cor violeta-azul da couve roxa. Afasta da mente influxos negativos, estimula a sabedoria e o respectivo entendimento. O anil é a cor da vida afetiva mais elevada. Reforça a sensibilidade, tanto física como espiritual, favorecendo assim a clarividência.

Violeta

É a máxima vibração da luz que o homem pode perceber. É a cor da espiritualização e o início do ultravioleta, que não é mais uma cor "material" e que já se encontra acima das nossas faculdades visuais. O violeta atua na natureza puramente espiritual do homem; é a cor da mística e do místico. O seu planeta é Netuno.

Branco

Não é substancialmente uma cor, mas — como a prata — exprime a pureza, a inocência, a alegria e a luz. É a cor da Luz — que não é, na realidade, um planeta — e atua na substância etérea do homem.

Preto

Representa a matéria e por isso tudo o que se refere à conservação, ao revigoramento, à gravidade e à limitação da atividade, mesmo no campo espiritual. É a expressão de Saturno e de suas características.

A cor do talismã

Como nos servimos, então, da cor na composição de um talismã? Se o talismã for uma pedra preciosa, veremos refletida em sua cor a força do respectivo planeta. A pessoa vagarosa e indolente por natureza, que percorre penosamente o caminho da vida, poderá escolher uma pedra vermelha: rubi, ágata, hematita, granada, que ativará o "outro lado" da sua personalidade. Os indivíduos passivos, que durante o dia não estão "completamente presentes", terão vantagem com uma pedra amarela, que atua de modo "eletrizante". A intuição individual guiará a escolha. Mesmo que no talismã não apareçam pedras, a cor exercerá sempre um papel importante. Em uma runa central, gravada no metal, podem-se preencher os espaços vazios com uma determinada cor. Poderá também ser reproduzida uma cor escolhida na madeira, no pergaminho ou na pedra. A cor usada para reproduzir uma runa exprimirá claramente a finalidade do talismã. Uma runa central, com

intenção de ajudar a pessoa a atravessar todos os obstáculos para atingir o próprio escopo na vida diária será completamente diversa, quanto à cor, de uma que ajude a realizar uma consciência espiritual. Um talismã para vínculo de amor não terá a mesma cor espiritual daquele que protege a pessoa de perigos e desgraças, e por conseguinte terá, mesmo materialmente, uma cor diversa. O procedimento mais simples é o de estabelecer que força planetária é expressa no talismã em questão, e executar em seguida a runa na cor correspondente. As cores seguintes são evidentes:

Ouro	— Sol	— Significados: formação espiritual, consciência, espírito criativo, unidade
Prata	— Lua	— Mutação, desejo de perfeição, recepção, intuição
Vermelho	— Marte	— Luta, força, vitória
Amarelo	— Mercúrio	— Raciocínio, viagens, prece, artes literárias
Verde	— Vênus	— Amor terreno, união, arte, beleza, realização
Azul	— Júpiter	— Amor espiritual, recolhimento espiritual, aprofundamento, contemplação, eternidade
Preto	— Saturno	— Purificação, conversão espiritual mediante a consciência do destino.

São também possíveis as combinações de cores. A runa central, por exemplo, poderá ser colocada em um triângulo, quadrado ou pentágono de uma determinada cor, no qual se exprime uma característica posterior gravada no talismã. Até o uso de cores mescladas é significativo, mas somente quando essa mistura seja uma composição *consciente*, no que se refere às características espirituais reproduzidas nas respectivas cores.

5/ Simbolismo dos números

Até um número tem uma substância, um conteúdo. A *forma* de um número é sempre a repetição de uma unidade. Sob este ponto de vista, a substância do número 7 nada mais é senão $1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1$, ou 7×1 . Mas qual o seu *conteúdo*? Quais são a essência, o “existir”, o espírito do número 7? Um número, essencialmente, é a forma mais clara de uma idéia. Até que o indivíduo não se aperceba, considerará o número somente com uma “repetição de unidades” e dela se servirá para exprimir as *quantidades* (numéricas): número, distância, medida e peso.

Tão logo o indivíduo se aperceba do espírito de um número, o reconhece como parte de uma unidade que tudo comprehende e o emprega para exprimir *qualidades* (propriedades), conceitos e idéias, referentes “à unidade da unidade”. As pessoas, que conhecem os números unicamente como forma, representam o número 1 e o número 3, respectivamente, do seguinte modo:

1

3

Por conseguinte, o 3 aparece como uma repetição de uma unidade. Tão logo o indivíduo receba o conceito da *unidade* do conjunto, percebe que não pode substancialmente calcular mais além de 1, porque o todo já é 1 = UNO. Portanto, verá 1 e 3 respectivamente como segue:

1

3

O número 3 será, neste caso, a unidade em três partes. Se o todo já é uno (1), podemos então pesquisá-lo, a partir do momento em que não há nada de comparável. Para conhecer a luz, é necessária a obscuridade, e o branco, para manifestar-se, precisa do preto.

A unidade perfeita que tudo comprehende é incognoscível. Entretanto, mediante os números, estamos em condições de descobrir as propriedades da *unidade*, e, por conseguinte, descrevê-la. Os conceitos que, nos números, adquirem significado, existem para a eternidade, na unidade. Podem vir à luz mediante um simbolismo numérico. É um sistema tão simples que se pode verificar nos dedos, o que o torna, afinal, um sistema decimal.

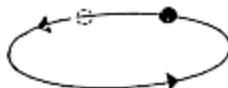
No princípio de todas as coisas há o zero. É o não-perceptível, o não-existente. Assim mesmo, é um oceano de possibilidades. Do nada não pode, talvez, provir tudo? E o que não podemos fazer com o espaço vazio, acima de nós? Traçar um desenho, escrever sobre uma palavra, fazer uma composição musical, tudo nasce do nada. A única coisa que devemos fazer é exercer uma ação criadora, “criando” assim uma das possibilidades do nada. Neste caso, do nada tiramos fora um ponto:

•

1. O ponto é uma unidade. Ele é. Nada mais se pode atingir porque não há nada com o que se possa comparar. Podemos, certamente, ter alguma coisa a observar a propósito: “considero-o pequeno”, “considero negro”; consideramo-lo assim com toda espécie de atributos, mas dele não sabemos nada. O ponto está positivamente presente. Ele é e isto faz do 1 um número de EXISTIR, de maneira indefinida, juntamente ao “eu existo”, pelo que o EXISTIR se exprime no homem. Todo indivíduo, desde o momento em que abre os olhos à luz, é “um ponto consciente do universo”. Isso faz do 1 um número do “EU” e do UNO. É um número de criatividade, individualidade, independência e força de vontade, e é sempre considerado um número princípio e de sorte. O ponto se acha agora nesta página e isto nos diz claramente que tudo o que o homem, como criador, “cria” neste mundo material, está sujeito à “duração”. Para se ter uma imagem, *alongaremos* o UM, o EXISTIR:



2. Agora produzimos uma coisa verdadeiramente nova: um “princípio” e um “fim”, e por isso uma “dualidade”, uma cisão, uma “dualidade”. Vai daí que tudo isto é somente aparência, porque alongando este prolongamento 1 até o infinito, a linha, devido à curvatura do espaço, retornará no fim ao seu ponto de partida.



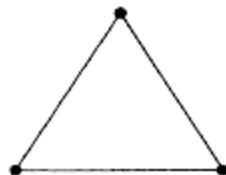
Está claramente demonstrado que o todo é já 1 e o UNO está então, sem princípio e sem fim, por si só, perfeito.

O conceito 2 é *aparente* e não real. Isso vale também para toda dualidade e cisão. É uma duplidade ilusória e enganosa. Os discípulos de Pitágoras não consideravam o 2, justamente por causa de seu caráter ilusório, como um “verdadeiro” número, mas como “uma certa confusão de unidade”. Por isso, julgavam que o 2 fosse um número de lide e de imprudência; particularidades que caracterizavam a cisão. Durante a Idade Média, o 2 era considerado um número maligno, no qual se manifestava o demônio. Todas essas particularidades negativas referem-se ao lado enganoso do 2. Este número, porém, tem ainda um outro lado. A verdade que podemos descobrir é que o 2, efetivamente, não existe, e portanto está “ausente”. 1 é o consciente “eu existo”; 2, ao invés, é “a ausência da consciência” e, por isso, “o inconsciente”: a alma. 1 é o número do espírito e tudo quanto na natureza parece criativo, ativo e dinâmico. É o número em que se exprime o pensamento “penso, logo existo”. 1 é o número positivo e o seu conceito é masculino. O 2, ao invés, não tem uma essência e portanto é negativo. É o número da concepção, passividade e estaticidade da natureza. É o número da alma inconsciente e do conceito “feminino”. No “masculino” se manifesta o espírito e o pensamento. No “feminino”, a alma e o sentimento. Espírito e alma constituem uma unidade indivisível que, por outro lado, se divide no homem geralmente com o número 2. Em todo indivíduo, o homem e a mulher são ambos espiritualmente presentes, no pensamento e no sentimento. Na matéria existe uma cisão das personificações do homem e da mulher. Homem e mulher = $1 + 1 = 2$; 1 e 2 são os dois pólos da existência e um não pode existir sem o outro. O lado espiritual da mulher faz do 2 um número de modéstia e de docura. É o número da sabedoria, e por isso o espelho no qual o “eu existo” do número 1 pode descobrir-se a si mesmo. O 2 é, manifestamente, um número com dois lados.

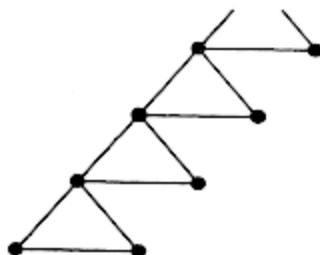
$$1 + 2 = 3$$

3. Não apenas a luz do “eu existo” (1) se une com a obscuridade derivada do não-existir-consciente (2), este estágio de inconsciência é mudado. Verifica-se então uma fecundação, comparável

ao que sucede com o homem (1) e a mulher (2) quando se unem fisicamente para dar vida a um novo ser. Podemos representar esse resultado ternário do seguinte modo:



3 é claramente um número de crescimento, formação e nascimento. Durante o sono, a luz do conhecimento (1) acende na alma (2), dando vida a um sonho (3). Também o número 3 é positivo e criativo, pelo que teremos uma reação em cadeia:



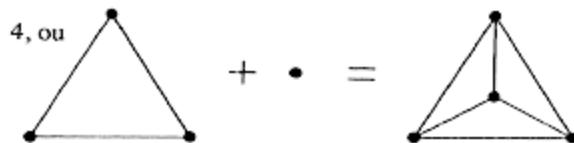
Desta maneira, o conceito de “crescimento” na nossa vida é expresso o mais claramente possível. Ao invés de $1 + 2 = 3$, podemos também dizer homem + mulher = criança. A fim de chegar a esta nova criação (3), é todavia necessário que se tenha produzido uma ligação com a vasta reserva de ilimitadas possibilidades, que é o nada — a condição 0. A validez do que dissemos resulta clara não apenas nos apercebamos que em $1 + 2 = 3$, um número “positivo” e um número “negativo”, se mudam em algo completamente novo. Podemos exprimir algebraicamente esta união como:

$$(+a) + (-a) = 0$$

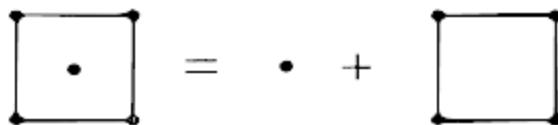
e assim a condição 0 virá à luz. A idéia “desenvolvimento” se exprime em uma existência ternária e representa a perfeição de uma condição existencial do ser. Aqui sucedem-se várias trindades: o ho-

mem é composto de espírito, alma e corpo. O tempo recobre o passado, o presente e o futuro. Todos os objetos têm um comprimento, uma largura e uma altura. Podemos manuseá-los somente levando em conta seu número, medida e peso. Tudo isto faz do 3 um número perfeito e potente, razão pela qual, nas fábulas, podemos sempre exprimir três desejos e *omnia trium est perfectum*:

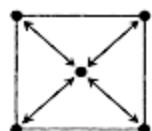
$$3 + 1 = 4$$



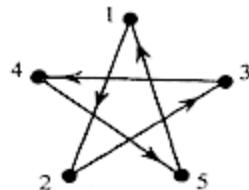
e um objeto nasce subitamente no *espaço*: uma pirâmide. Assim, no número 4 se apresenta a idéia de “tomar forma” e “assumir figura”. Aparece a matéria porque também ela é parte da unidade 1 e toda a unidade 1 se exprime nela. Este conceito de “tomar forma” não deve ser considerado unicamente a nível material. Desenvolve-se outrrossim espiritualmente e no 4 “esta forma espiritual” se exprime como “entendimento”, “conhecimento” e “consciência”. Eis por que $1 + 3 = 4$ significa: “eu existo + crescimento = formação consciente”. Readaptando a este caso o exemplo do sonho, nascido da união do 1 e do 2, poderemos afirmar na manhã após ter compreendido o significado do que se sonhou, tendo obtido: “eu existo + sonho” = consciência, entendimento, significado. 4 é claramente um número de atuação (termo em que se esconde a palavra “ato”) e de ação. São as quatro unidades que dão forma à nossa existência terrena: quatro elementos, quatro estações, quatro direções dos ventos, quatro temperamentos. Existir, viver, lutar, agir, formam a personalidade humana. Com a afirmação, a negação, a reflexão e a resolução, manifesta-se o nosso raciocínio. Substância, qualidade, quantidade e movimento determinam as formas da natureza. Caminhar, voar, nadar e deslizar são formas de locomoção. O 4, portanto, é um número da terra e para o homem medieval, era o número da fadiga, do trabalho, do sofrimento e da tribulação – todas as coisas que pertencem ao conceito “atuação”. Se considerarmos as quatro direções dos ventos, veremos quatro pontos que se defrontam um ao outro, inamovivelmente. Se adicionarmos o ponto da consciência do universo que somos nós mesmos, obteremos o que segue:



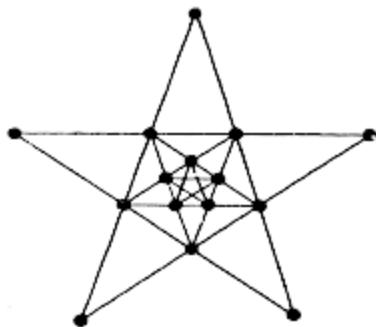
5, ou $4 + 1 = 5$. Criou-se novamente uma outra situação: as oposições são executadas e reunidas no 5. Vejamos um pássaro voando do norte ao sul, e ouviremos um ruído de este a oeste, assim:



$4 + 1 = 5$ e ainda uma vez encontramos um conceito ativo completamente novo no nosso ponto de partida: a un(1)idade. O conceito é: o movimento que *conduz*, que *reúne*. Esta característica do 5 se exterioriza de modo extremamente claro na estrela de cinco pontas, o pentagrama:



Este é um movimento ininterrupto e representa o caminho que o EU (1) efetua durante a descida na matéria (2), depois do que dá: 1 + 2 resulta o crescimento (3) e atua na formação do conhecimento (4), depois do que se verifica a volta (5) à Fonte (1). É um movimento que se verifica de dois modos, porque a nossa existência é dividida entre o que é e o que não é, na presença e na ausência. Ambos os "movimentos" existem um no outro, como movimento sempiterno. Assim:

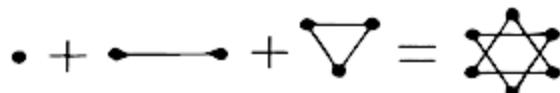


Não é, portanto, sem razão que a idéia “movimento” se exprima, em nossa existência, por um número de cinco unidades. Por isso temos cinco dedos móveis para cada mão e cinco dedos móveis para cada pé, que juntos permitem à nossa pessoa proceder e agir. Por meio dos nossos cinco sentidos, a vida se “move” em nós e vem a nós. Graças a este “movimento” que supera e iguala os contrastes, o indivíduo adquire uma relação com os outros, um “movimento no tempo” e, por conseguinte, uma história.

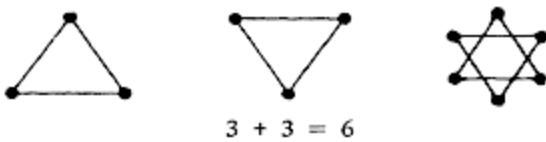
Em decorrência de tudo isto, o 5 é chamado o número do homem e também a quintessência de todas as coisas. É o número da amizade e das relações, das viagens, das mudanças, do revezamento, da sinceridade, da responsabilidade e da bondade. Até o aparente contraste “Deus” e “homem” é conciliado pelo movimento do 5. Tudo isto faz do 5 um número da religião e se exprime nas cinco grandes religiões.

$$1 + 2 + 3 = 6$$

6, ou:



ou “eu existo” + “dualidade” + “crescimento” = equilíbrio no duplo desenvolvimento do pensamento e do sentimento. Este equilíbrio na dualidade aparece claramente em:



$$3 + 3 = 6$$

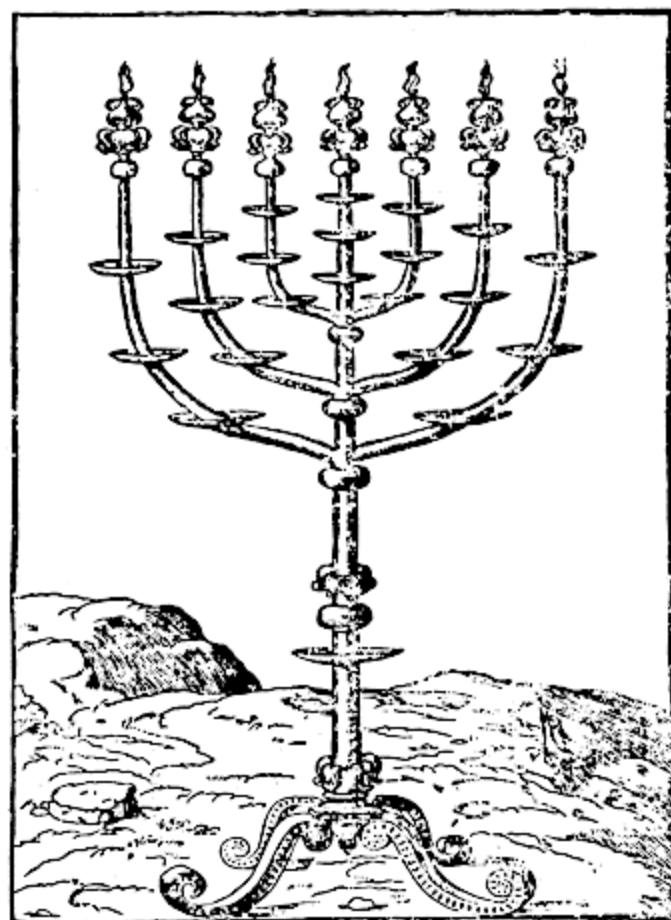
O número 6 exprime por natureza “equilíbrio” e “harmonia”. É o número do amor. No homem e na mulher a dualidade “pensar” e “provar” adquire também figura corpórea e somente mediante o amor os dois podem encontrar juntos, um no outro, o equilíbrio e a harmonia do 6. A conquista do equilíbrio entre o “próprio pensamento” e o “próprio sentimento” é uma coisa que deve ocorrer antes que o “sexto” sentido se desperte. Cordialidade, honestidade, força criativa, paz, calma, adaptação são qualidades que acompanham o equilíbrio e a harmonia do 6 e, por isso, ligados a este número. Todavia, a dualidade de 3 + 3 torna também o 6 um número de *escolha* e a escolha ininterrupta é o fator da evolução. Este progresso, porém, é possível somente depois que o 6 estiver privado de sua condição de equilíbrio, o que ocorre forçando na posição de escolha o ponto de “consciência do universo”, que já encontramos nas representações do 6. Pelo que:

$$3 + 1 + 3 = 7$$

7, ou: “crescimento no espírito assim como no pensamento” + “eu existo” + “crescimento na alma como no sentimento” = 7. Esta idéia é facilmente reconhecível no candelabro de sete braços.

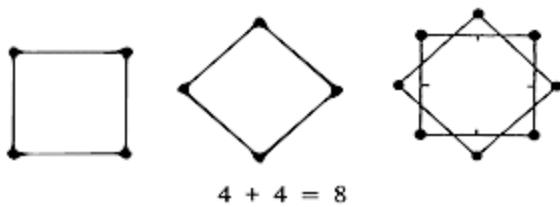


Aqui o “eu” (a vontade) se acha no meio do crescimento na dualidade. O equilíbrio do 6 é assim quebrado. O conceito do número 7 é: “o conceito do ponto da sorte”, o único modo de forçar uma escolha e consequentemente romper a estase do equilíbrio. É “o fator ideal” que o homem tem diante dos olhos e que determina as suas ações e as suas renúncias. Este fator tem sempre algo com a “superação”, o incremento e a conclusão das ações e é a força propulsora insita em toda evolução humana. “Evolução”, portan-



to, é a palavra-chave do 7, e faz dele um número de sorte. Vontade dirigida à finalidade, desejo de aprender e espírito combativo pertencem ao 7. O simbolismo dos números o reconhece como número de soberania e de triunfo, de fama e de honra, de celebriidade e de vitória e em todos os livros religiosos da humanidade é freqüentemente mencionado.

8. O nosso conhecimento sobre as particularidades do nosso ponto de partida é posteriormente ampliado pelo exame do número 8. O conceito que se realiza no 8 é o seguinte: "*conceito do ponto como perseguir a felicidade*". Aquele "como" pode somente refletir a lei de causa e efeito, pelo que cada um, na existência, colhe o que semeou. "Causa" e "efeito" formam uma aparente dualidade. Aqui se trata de duas estruturas que, juntas, constituem um "acontecimento". Isto se exprime claramente em:



Esta natureza do 8 o torna número da sorte, do destino e da justiça. "Ordem" e "caos", "atração" e "repulsão", "EU" e "eu" formam uma unidade indissolúvel na sorte, e são todos postos em destaque pelo $4 + 4 = 8$. É o único número que pode ser dividido em partes perfeitamente iguais:

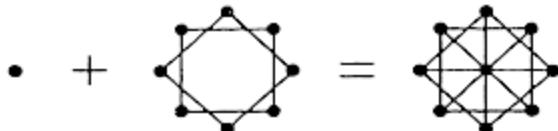
$$\begin{aligned} 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 + 1 &= 8 \\ 2 + 2 + 2 + 2 &= 8 \\ 4 + 4 &= 8 \end{aligned}$$

e com isso a igualdade dos direitos aparece como a essência da verdadeira justiça. Imortalidade, ressurreição e sorte propicia derivam do conceito 8 e dele são herança.

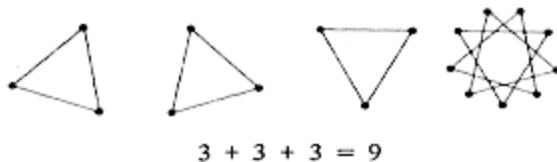
9. O 9 exprime substancialmente o conceito do "*ponto do ser*", e por isso comprehende o ciclo inteiro. "Totalidade" e "cumprimento" são expressos por um 9

$$1 + 8 = 9$$

e podemos também reproduzi-lo dessa maneira:



Desse modo, evidencia-se um outro aspecto do 9: o conhecimento de si. Todos os contrastes que se apresentavam ainda (aparentemente) no 8, agora são conciliados e reunidos no 1 (eu existo), como ponto central: o indivíduo que se torna ciente de ser ele mesmo o próprio destino e que faz ele mesmo da própria existência uma unidade. O conhecimento de si próprio compreende tanto o “EU” como o “eu”, e a unidade de ambos.



Vemos como “crescer” na trindade de espírito, alma e corpo conduz à totalidade, ao cumprimento e ao conhecimento de si, próprio do 9, e determina um conceito do “ponto do ser”. O número 9 representa os grandes resultados espirituais como a inspiração aos ideais mais altos, o amor pelo próximo e pela verdade, a perfeição e a amizade.

$$1 + 9 = 10$$

10. Não é, então, sem fundamento que o 10 seja chamado o *número da perfeição*. Numericamente, é impossível contar mais de 9. No 10 o ciclo retorna ao seu ponto de partida. $10 = 1 + 0 = 1$, e este último reflete um novo “eu existo”. Todo número de dois ou mais algarismos é, numericamente, uma combinação de conceitos, originados de um número cardinal. Por exemplo, $38 = 3 + 8 = 11 = 1 + 1 = 2$. O número cardinal é 2. Estes, no decorrer de um certo número de ciclos (9 corresponde a um ciclo), parecem ter-se aberto para harmonizar-se com os conceitos do 3 e do 8. Consideremos o que segue:

$$\begin{array}{r}
 & 2 \\
 & 9 \\
 + & \hline
 & 11 \\
 & 9 \\
 + & \hline
 & 20 \\
 & 9 \\
 + & \hline
 & 29 \\
 & 9 \\
 + & \hline
 & 38 \qquad \quad 3 + 8 = 11 = 1 + 1 = 2.
 \end{array}$$

Ou: "crescimento" + "destino" = "alma". No 11, além da divisão da alma, exprime-se ainda no "EU" e no "eu".

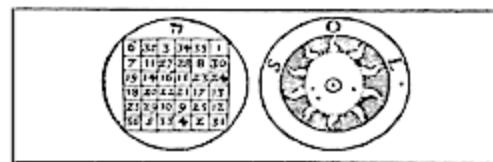
Quadrado mágico

A brevidade do presente livro não nos permite tratar mais longamente do simbolismo dos números; deveremos, portanto, desprezar muitas noções a esse propósito. Entretanto, graças ao que dissemos anteriormente, o leitor poderá penetrar na essência espiritual dos números e utilizá-los no preparo de um talismã. Com este conhecimento, poderá também avaliar a formidável força de um quadrado mágico e, se quiser, colocar um quadrado semelhante em seu talismã.

Um quadrado mágico consta de uma certa sucessão de algarismos, de 1 ao mais alto número que se pode atingir, sempre levando em conta que neste quadrado todo número poderá ser representado apenas uma vez. Os números devem ser colocados de modo que as linhas horizontais e verticais, assim como as duas linhas diagonais, somem o mesmo total. Todo planeta tem o seu quadrado mágico, no qual se exprime a sua essência.

Este é o quadrado mágico do Sol:

6	32	3	34	35	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	29	10	9	26	12
36	5	33	4	2	31



4	9	2
3	5	7
8	1	6

quadrado mágico
de Saturno

15

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

34



quadrado mágico de Júpiter

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

65

quadrado mágico de Marte

53

quadrado mágico de Vênus

22	47	16	41	10	35	4
5	23	43	17	42	11	29
30	6	24	49	81	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

175

Dado que o Sol, nos textos cabalísticos, corresponde ao sexto Sephirot, o quadrado mágico é composto de seis fileiras de números. O número mais alto é $36 = 3 + 6 = 9$, fator de crescimento, equilíbrio e conhecimento de si, e máximo conteúdo da consciência (ser consciente). O total das fileiras horizontais, verticais e diagonais é sempre 111, $1 + 1 + 1 = 3$; ou: o ser consciente nos três níveis: espírito, alma, corpo = crescimento, desenvolvimento e nascimento. O total de todo o quadrado é 666 = número da Besta, no Livro da Revelação, a totalidade de consciência solar. O número 666 é igual a $6 + 6 + 6 = 18 = 1 + 8 = 9$. Isso significa um equilíbrio nos três níveis: totalidade, cumprimento, conhecimento de si e determina o "conceito do ponto de existir". Não é de se admirar que o quadrado mágico possa ser um poderoso talismã. Será, entretanto, importante, para quem quiser incluí-lo em um talismã, verificar inicialmente a posição do Sol em seu horóscopo. Uma posição negativa poderá provocar o efeito oposto e em um quadrado mágico como o do Sol, a diferença será igual àquela entre Cristo e o Anticristo. O lado negativo do número 6 é a "tentação" e o lado negativo do 9 é a "ilusão".

Foram representados os quadrados mágicos dos vários planetas. Falta o espaço para considerar cada quadrado e analisar sua totalidade. O leitor que tire as próprias conclusões sobre a pauta do simbolismo dos números. O que dissemos acerca dos aspectos do Sol no horóscopo respectivo vale naturalmente também para os planetas. Se quiser servir-se de um quadrado mágico, a melhor forma de um talismã será a de um pingente. Neste caso, o quadrado será inciso no verso. O pingente deverá então ser feito com o metal pertencente ao planeta em questão.

6 / A força secular das runas

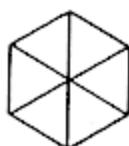
O talismã mais simples é o das runas, que é também o mais eficaz. Os signos das runas são ligados a nós por um longo passado. As inscrições mais antigas remontam a cerca de dez mil anos. É uma escritura de signos puramente retilíneos, que os mais antigos habitantes da nossa Terra empregavam no passado, e cujas formas ainda sobrevivem nas construções das casas, como as dos Países Baixos meridionais e da Alemanha. As runas foram sempre consideradas como pensamentos dos deuses, capazes portanto de encerrar poderosas forças, razão pela qual são usadas na magia. No Museu Stad, em Ommelanden, na Groninga, encontra-se uma barquinha rúnica com um esconjuro contra a tempestade.

As runas se encontram ainda na Escandinávia, Grã-Bretanha e Irlanda, na Islândia e nas regiões holandesas, territórios limítrofes daquele que, há muitos milhares de anos, constituiu a Atlântida, o maior dos continentes, que imergiu no oceano (o Atlântico). As runas são os restos da grande sabedoria da Atlântida. Os signos foram transmitidos por milhares de anos, e, com o decorrer do tempo, de região a região, tiveram muitas variações. A série das runas britânicas conta 33 signos; a escandinava tem uma série “antiga” de 24 signos e uma mais recente de 16. Além dessas, existe uma série de runas compostas de 18 signos que era empregada particularmente com finalidades mágicas, e das quais nos ocuparemos agora.

Estas 18 runas se encontram na HAGAL (Runa perfeita).



e aparecem tão logo liguemos entre si as extremidades deste signo.



Se dizemos que as runas são um sistema simples e retilíneo, estendemo-lo de modo literal. Trata-se de um sistema extremamente eficiente que, ao mesmo tempo, não poderia ser mais simples. Todos os signos que representamos a seguir poderão, sem dificuldade, ser tirados da figura acima. Dizemos somente de passagem que esta figura representa claramente o maior de todos os segredos e, portanto, a simplicidade do seu aspecto é somente aparente.

O espaço à disposição neste livro não permite que nos aprofundemos posteriormente a esse propósito, como também não será possível nos aprofundarmos no exame de cada runa isoladamente. Na tabela seguinte, é indicado o nome, o som e as particularidades de cada signo. Toda runa tem um valor numérico. Agora que a natureza dos números é conhecida do leitor, com base nos valores numéricos, poderá penetrar, por sua conta, na essência de uma runa, extraíndo-a dos dados essenciais.

As denominações em língua portuguesa são livres traduções das denominações erúlicas, sob as quais as runas foram transmutadas e que são também mencionadas. O erúlico é uma antiga língua alemã.

A pessoa que, pela primeira vez, se encontra diante dos signos rúnicos, pode representar uma runa como um canal que é aberto no interior de seu ser e do qual podem afluir forças cósmicas. Mediante a contemplação da grafia rúnica e a transposição da respectiva fonética em mantra (instrumento do pensamento), as comportas da alma serão abertas: as forças, assim suscitadas, poderão fluir em direção à superfície do ser, e atuar em seguida na realidade. Esta sabedoria das runas é parte da nossa alma popular, e jaz adormecida sob a superfície. Essa prerrogativa torna a força rúnica particularmente eficaz. As runas atingiram, sob este solo, seu pleno desenvolvimento e florescimento. Tão logo essas forças são despertadas, os espíritos das runas se afastam e efetuam a sua obra em nosso mundo.

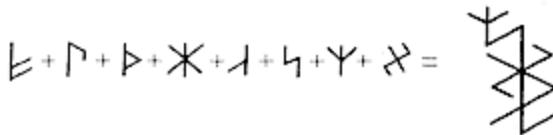
Aqui seguem as 18 runas ($18 = 1 + 8 = 9$) do mágico Futhork. A série rúnica, colocada anexa, é chamada Futhork, seguindo as letras iniciais das primeiras seis denominações rúnicas.

	FA	Runa do fogo	1 criação, geração, consciência (ser consciente), fogo, vontade; contra a dor de cabeça, a febre, as doenças da pele e dos ossos.
	UR	Runa primordial	2 conhecimento primordial, alma primordial, felicidade, satisfação.

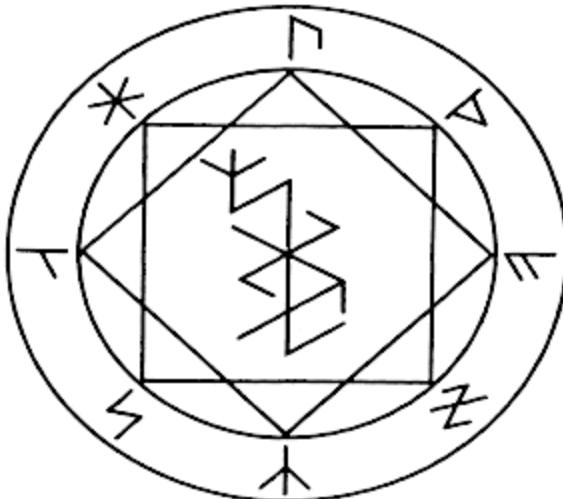
			bedoria; contra as doenças hepáticas, nervosas, as afecções abdominais e pulmonares.
▷	THORN	Runa ativa	3 crescimento, nascimento, força ativa; reforça a saúde.
◁	OS	Runa nobre	4 consciência, força espiritual, liberação, eloquência; contra as dores das costas e do pescoço.
R	RIT	Runa conselheira	5 conselho, salvação, religião, relações com os outros; contra as afecções da boca e do palato.
Y	KA	Runa da energia	6 energia, arte, harmonia, inspiração, equilíbrio; contra a febre e a digestão difícil.
*	HAGAL	Runa perfeita	7 universalidade, sabedoria, proteção. Esta runa guarda "os olhos de Deus"; combate as afecções dos rins e da bexiga, e as dores dos ossos.
X	NOT	Runa auxiliar	8 constrição, sorte, necessidade, situações de causa e efeito, prova, resignação; contra as infecções e as doenças da pele.
	IS	Runa do eu	9 conhecimento de si próprio, vontade, unidade, segurança de si; eficaz em caso de feridas e desgraças, contra a gota e o reumatismo.
↓	AR	Runa da terra	10 beleza, confiança, salvaguarda. Esta é a runa protetora mais poderosa; afasta todos os influxos negativos e reforça a energia vital.
↳	SIG	Runa da alma	11 superação, sucesso, força espiritual; eficaz nas afecções oculares e nas neuralgias.
↑	TIR	Runa do orgulho	12 ressurreição, nascimento, fecundação, felicidade, eficaz na arteriosclerose.
B	BAR	Runa da procriação	13 procriação, segurança, revelação; facilita o parto; contra os distúrbios femininos.

↖ LAF	Runa do amor	14 amor, vida, iniciação; contra as infecções e as doenças da pele.
ᛖ MAN	Runa do homem	15 homem, espírito, matéria, proteção; eficaz em caso de feridas e afecções oculares.
ᛑ YR	Runa yr	16 mulher, Lua, matéria; contra os distúrbios do abdômen, dos órgãos genitais.
ᛊ EH	Runa do matrimônio	17 união, fidelidade, casamento; eficaz nas depressões e contra as inflamações glandulares e os distúrbios hepáticos.
ᛋ GIBOR	Runa doadora	18 deferimento, clemência, versatilidade; reforça a energia criadora.

E agora o lado prático. Admitamos que alguém queira fazer um talismã que o ajude a formar uma consciência espiritual e portanto encoraje os lados do seu ser espiritual, que podem executar essa formação de consciência. Essa pessoa quer em prêmio, e em plena consciência, a iluminação espiritual, e deseja firmemente exprimir esta sua vontade. Escolhe, portanto, oito runas, porque 8 é o número de causa e efeito. Em seguida, une essas runas, conforme lhe convém, para formar uma runa de conjunção.



A função de reunir as runas, para delas formar uma “de conjunção”, será deixada à criatividade de cada um. Não existem regras precisas a respeito. Experimentando se aprende; e aprendendo percebe-se que outras runas aparecerão por si, na runa de conjunção. Assim aconteceu na runa acima, onde apareceu a runa nobre. Os valores numéricos das runas aqui preselecionadas são, no total, 66. Determinaremos agora o total da base: $6 + 6 = 12 = 1 + 2 = 3$ e 3 é um número do nascimento. Um presságio feliz em um talismã útil para uma formação espiritual consciente! “*Seja este o meu destino!*”, para exprimir figurativamente este desejo, a runa de conjunção é circundada por um octaedro. Acima de cada ponto estará uma das runas escolhidas, e todo o conjunto será colocado



em um círculo mágico. O projeto do talismã está terminado.

Qual será sua adaptação? Poderia ser introduzido em um anel, bracelete ou pingente, ou mesmo reproduzido em pergaminho com tinta nanquim colorida. Pode também ser entalhado e depois pintado em um objeto de uso pessoal ou em uma parte de um móvel, ou mesmo ser pintado na porta ou na parede de um quarto. Pode-se até fazer com ele um quadro! O ponto mais importante é que se torne parte essencial da nossa vida e, por conseguinte, parte consciente do nosso ser.

Se o talismã for reproduzido em um bracelete ou pingente, em um pergaminho, tem-se um anverso disponível que será igualmente empregado. Dado que neste caso se trata de um talismã de iluminação espiritual, poderá ser representado o quadrado mágico do Sol. Neste caso, o bracelete ou pingente deverá ser de ouro. Um talismã é um objeto muito pessoal: este deve tornar-se claramente visível. Admitamos, por exemplo, que o talismã seja feito para uma mulher que responde pelo nome de Margarriet. Escreverá portanto o seu nome em signos rúnicos e os unirá em uma runa de conjunção. Deste modo:



Representará a runa de conjunção também no avesso do pingente ou no interior do bracelete. Se já se tiver traçado o quadrado mágico do Sol, a runa de conjunção será colocada sob ele. Se o talismã tiver a forma de um anel, o seu verso ficará de tal modo pequeno que será impossível representar nele o quadrado mágico. Este será então substituído pela runa de conjunção correspondente ao nome de batismo.

No exemplo acima descrito, foi empregado um octaedro para dar relevo à idéia do 8. Em outro talismã, a runa de conjunção poderá ser colocada em um triângulo, em um quadrilátero ou em uma estrela de cinco, seis, sete ou nove pontas, porque se quer exprimir os conceitos correspondentes aos números resultantes dessas figuras. Se, ao invés, o talismã tiver a forma de um anel e a superfície ficar muito pequena para circundar a runa de conjunção, com uma dessas representações, a figura (escolhida anteriormente) poderá ser gravada também no interior do anel, no local correspondente ao ocupado externamente pela runa. Neste caso, a runa do nome será gravada dentro ou ao lado da figura.

É de grande importância estar ciente de que a própria imaginação criativa é completamente livre na escolha da forma. A única coisa que conta é a escolha adequada dos metais, pedras, figuras, cores e runas. No exemplo anteriormente indicado, a runa de conjunção para uma formação da consciência espiritual poderia ser executada em azul, o octaedro em verde e a runa do nome em preto. Se o talismã for feito em pergaminho, ou em um quadro, a primeira runa de conjunção deverá preferivelmente ser feita em ouro; o octaedro poderá também ser de prata.

Quanto à forma do talismã, cada um é livre para seguir a própria intuição. Uma coisa porém não deverá ser esquecida: o coração, a alma e a plena consciência devem colaborar no projeto e na execução. Para reproduzir uma runa, o seu significado deverá ser entendido e intuído o mais profundamente possível. Aqui vale a exortação: "Saiba o que fazer, enquanto faz o que sabe". A preparação de um talismã poderá portanto ser considerada como um ótimo exercício de concentração. Na composição de uma runa nominativa, é preciso estar cônscio de que qualquer som reproduzido por uma runa é uma força cósmica e que a própria runa, como o nome, representa seu *esquema total*. Toda vez que alguém nos cha-

ma pelo nome, as forças latentes em nosso ser são ativadas. Esta correspondência pode se tornar tão evidente que, em algumas pessoas, o nome exprime claramente seu aspecto. Somente para citar um dos exemplos mais populares, não há talvez indivíduos com o rosto típico de Santino? A criação de um talismã, portanto, é claramente uma obra de concentração, ou seja, de patronato do próprio eu, e de aplicação. Quem faz um talismã para outra pessoa, deve saber se se harmonizará com a personalidade do interessado: isto é possível com a ajuda do pêndulo. Coloca-se o modelo do talismã ao lado de uma fotografia ou um objeto qualquer de propriedade da outra pessoa (canivete, anel, mecha de cabelos), ou se escreve o seu nome sobre uma folhinha de papel, colocando-a ao lado do modelo escolhido. Acima deste último, o pêndulo é mantido parado a uma certa altura. Quando o pêndulo descrever um círculo compreendendo os dois objetos ou uma linha horizontal que os ligue, está claro que se harmonizam mutuamente. Se, ao contrário, o pêndulo descrever uma linha que separa um do outro, quer dizer que o modelo não está de acordo com a personalidade em questão e, por conseguinte, será necessário fazer um outro, e testá-lo também com o pêndulo. Quando o talismã for entregue, será necessário explicar à pessoa que o recebe o significado e o profundo sentido dos símbolos empregados, bem como as propriedades das runas escolhidas, para que possa não somente levá-lo, mas que conheça também suas virtudes.

Além disso, se para o talismã rúnico se desejar empregar uma pedra, a runa de conjunção de que se trata deverá ser gravada na própria pedra. Nas sucessivas fases de elaboração, cada um está livre para atribuir-lhe um profundo significado pessoal. Uma mulher, por exemplo, que sofria de graves crises depressivas, escolheu uma turmalina, pedra da amizade, antidepressiva, e lhe fez incidir a runa certa de conjunção. A turmalina foi, a seguir, engastada em um anel de ouro com um octaedro como base. Em volta da pedra foram dispostos quatro (4 = "conhecimento-compressão") pedacinhos de cristal de rocha (uma pedra do sol, portadora de luz e afugentadora de sombras). Um talismã desse tipo é uma maravilhosa esfera de energia que não deixará de fazer efeito.

Runas de conjunção contra as doenças

Para empregar as runas em caso de doenças ou de feridas, é necessário proceder como segue: admitamos que alguém tenha um violento ataque de gripe com febre alta e seja obrigado a se acamar; para favorecer sua cura, escolheremos um quarteto (4 = ações)

de runas corretas e com ele faremos uma runa de conjunção como segue:



O melhor método será traçar com gesso a figura desta runa na parede atrás da cabeceira do doente. Nesse caso, deve-se empregar o gesso branco, porque se trata de obter uma ativação das forças do corpo etéreo. A runa de conjunção poderá também ser desenhada em uma folha de papel (eventualmente em vermelho, visto que se trata, outrossim, de energia) e ser suspensa ao lado ou sobre a cabeça do paciente, ou mesmo colocada debaixo de seu travesseiro. Será conveniente que o doente esteja bem ciente das forças curadoras das runas. Abaixo da runa de conjunção, ou em torno dela, serão marcadas as runas simples que a compõem. Se não se tratar de doença, mas de ferida, a runa de conjunção poderá ser colocada na pele ou na atadura. A Runa Perfeita, a Runa da Terra e a Runa do Homem são *runas protetoras*, muito poderosas. Afastam as forças negativas e têm, por conseguinte, uma eficácia especial nos casos de pesadelos recorrentes e de sonhos assustadores, especialmente das crianças.

As três runas, então, serão colocadas, cada uma individualmente e todas juntas — como runas de conjunção — acima do leito, dessa maneira:



Se o doente for uma criança, ser-lhe-á claramente explicado que aqueles são signos que impedem aos sonhos feios de voltarem. A Runa da Terra é a mais poderosa das runas tutelares. As pessoas que sofrem de idéias fixas e são atormentadas por pensamentos

c/ou sentimentos negativos, dos quais não conseguem se libertar, farão bem, em casos semelhantes, em visualizar a Runa da Terra, como um signo de salvação, de potência luminosa, símbolo da luz que afugenta toda treva. A força desta runa, então, tornar-se-á imediatamente manifesta. Quem, na vida diária, se encontrar na situação de ter que levantar um grande peso — não no sentido espiritual, mas, simplesmente, no sentido material — poderá recorrer à Runa do Homem. Antes de levantar o peso, adotará uma posição na forma desta runa. Isso significa manter-se em pé e ereto, com os braços levantados obliquamente. Em seguida, respirará profundamente, algumas vezes, procurando visualizar o mais claramente possível a imagem da Runa do Homem. Esta deverá formar-se diante de sua mente como um signo de força luminosa. Durante a expiração, pronuncia-se à meia-voz o nome da runa: "Mannnnnnnn..." (homem). Em seguida, depois de uma flexão para a frente, levanta-se o peso em questão, com um só movimento. A ação parecerá efetuar-se sem fadiga e ter-se-á a impressão de que o objeto perdeu uma boa parte do seu peso.

É claro que se poderá penetrar facilmente na essência de nomes, de pessoas, de cidades e de coisas, escrevendo-os em caráter rúnico e meditando sobre as propriedades destas runas, e em sua posição no conjunto do nome. A runa que se obtém, unindo as runas do próprio nome, para fazer com ela um signo único, é a runa de conjunção da qual se serviam nossos avós para marcar os seus bens, e que os artistas apunham às suas criações, como signo do artífice.

7 / A consagração do talismã

O leitor que leu com atenção os capítulos precedentes deve ter percebido que a criação de um talismã representa efetivamente um fato de pura e profunda psicologia, mediante a qual se incidirá, na alma humana, um esquema espiritual. O conteúdo deste esquema será refletido pela sua forma material externa. A eficácia do talismã dependerá de uma exata correspondência entre os dois esquemas.

A gravação do esquema espiritual e da sua forma material não será suficiente. Deve-se, de fato, infundir-lhe a *vida*. Isso vai se verificar com a consagração: procedimento em virtude do qual ao esquema espiritual será infundida a vida, para que possa crescer e desenvolver-se sempre cada vez mais. Também neste caso, uma consagração semelhante é somente o aspecto exterior de um acontecimento interior refletido.

Com “consagração” não me refiro a um ritual complicado, o que alteraria, sem dúvida, seu escopo. A consagração nada mais é que uma ampliação da consciência que se efetua durante e depois da criação de um talismã. É assim que se desenvolve a obra deste.

Nove noites antes da lua cheia, dá-se início ao projeto e à composição. O número 9 compreende um ciclo de desenvolvimento total, do qual cada estágio atinge a sua completa expressão, analogamente ao progresso do próprio talismã. Na primeira destas nove noites, serão escolhidas as runas adequadas, e será feito o projeto do talismã. Nada mais. Será somente o ponto de partida pelo qual se iniciará o desenvolvimento interior. Na segunda noite, será posto em relevo o conceito representado pelo 2: “dualidade”, mas também “alma”. Começaremos a nos ocupar da melhor forma que tencionamos dar à nossa criação. A dualidade espírito-matéria se verifica quando, entre os metais disponíveis, escolhemos um, cujo conteúdo espiritual assegure a eficácia adequada. Esta concordância refere-se à alma e à sua intuição. Na terceira noite e nas seguintes, esta concretização da forma se tornará cada vez mais evidente. No entanto, tenhamos presente que a lua, crescendo, reflete o progresso do nosso talismã rumo à perfeição. Naquelas

noites, um olhar dirigido ao céu poderá nos fazer saber a que ponto tenhamos chegado.

No caso de se tratar de um simples talismã, poderemos somente fazer uma pequena ou pequeníssima parte dele toda noite. Observemos, entretanto, simultaneamente como ele progide seguindo todos os conceitos do ciclo numérico: "crescimento" (a terceira noite) e sucessivamente "forma", "movimento", "equilíbrio", "evolução", "causa e efeito", para atingir o "cumprimento" e finalmente a "totalidade" e ao "conhecimento de si". Quando, na nona noite, a lua cheia aparecer no céu, o talismã estará pronto. Você poderá compará-lo com o desenvolvimento de uma criança durante nove meses e o seu nascimento. Agora que a obra está terminada, o talismã naquela nona noite será colocado em um lugar em que, durante a noite, seja iluminado pela luz da Luz cheia.

Magnetização do talismã

No dia seguinte, retire-se para um lugar tranquilo, onde você não possa ser perturbado, e medite um pouco até que toda inquietação cotidiana tenha desaparecido. Em seguida, tome o talismã com a mão esquerda e apóie levemente a ponta dos dedos da mão direita sobre o talismã, sem tocá-lo. Respire profundamente nove vezes seguidas, imagine o mais realisticamente possível — porque também isto faz parte da imaginação criativa — que a cada expiração sua, uma força vital cósmica de seu ser flui para o talismã da ponta dos dedos de sua mão direita. Depois disso, aceita-se o talismã como tal. Isso significa que o autor do objeto está perfeitamente cônscio de uma realidade, isto é, que uma parte de suas infinitas possibilidades tenha encontrado forma no talismã, pelo que ele poderá considerá-lo como parte de si mesmo. Esta é a "aceitação", que todo talismã necessita, para que possa agir livremente. Agora, o talismã está pronto para ser usado.

A magnetização exerce uma ação ativante, e poderá, no começo, ser repetida de tempos em tempos. O pêndulo, de fato, mantido sobre o talismã, depois da magnetização, se moverá cada vez com maior energia.

O talismã que não for levado, deverá ser envolto em seda pura e conservado em uma caixinha de madeira, para impedir que a força vital se perca. Além disso, é aconselhável deixá-lo tocar o menos possível, ou melhor, não deixar jamais que outros o toquem. O toque de outras pessoas o coloca em contato com campos de energia diversamente orientados, que poderiam diminuir sua eficácia. Se não for capaz de incidir e deva confiar o encargo a

terceiros, procure pelo menos fazê-lo executar durante os nove dias que antecedem à lua cheia. Dediqe, então, toda noite, com toda calma, alguns instantes no trabalho que naqueles momentos — mesmo que em outra parte — está tomando forma. É importante segurar na mão o talismã na noite de lua cheia e deixá-lo exposto aos raios lunares durante a noite. A Lua é a imagem de nossa alma. Quando a Lua é cheia, é iluminada inteiramente pelo Sol. O crescimento da Lua, durante nove dias, reflete a tomada de consciência do significado expresso, em nossa alma, pelo talismã. Nos dias em que o talismã está pronto, o esquema espiritual correspondente será totalmente iluminado pela luz da nossa consciência e da Lua, imagem de todo o desenvolvimento, brilhará no céu, em toda a sua glória. A noite em que o objeto transcorrer sob a luz lunar, representa a estabilização deste acontecimento, e a aquisição de energia por parte do talismã, tanto exterior como interior.

É necessário um talismã para ser feliz? Não. Vai daí que um indivíduo pode sê-lo sem o talismã. O que conta, ao invés, é a consciência que o seu próprio ser é o único sobre a Terra que oferece uma solução. É também o único que pode transformar as maiores calamidades na mais completa felicidade: um verdadeiro milagre!

Quem disto estiver consciente e se dedicar incessantemente em afirmar a sua vontade de ação e de renúncia, não terá necessidade de um talismã. Uma vida toda que permita ao espírito infinito se manifestar livremente na realidade terrena e iluminada por dentro é o talismã mais perfeito que existe. Esse resultado é, entretanto, condicionado a um renascimento espiritual e é o seu talismã intrínseco que lhe ajudará a realizá-lo!

Índice

1 O segredo do talismã	
Talismã e amuleto — O sol espiritual — Os passos de Buda	9
2 Essência e uso dos metais	
Plantas e metais — Alquimia de todos os dias — A forma do talismã	19
3 As pedras e suas propriedades	
A pedra filosofal — Escolha intuitiva	27
4 A magia das cores	
As sete cores — A cor do talismã	35
5 Simbolismo dos números	
Quadrado mágico	41
6 A força secular das runas	
Runas de conjunção contra as doenças.	55
7 A consagração do talismã	
Magnetização do talismã	65

**Procure nas livrarias outros livros desta série
de Ocultismo & Esoterismo**

JOGO DE BÚZIOS	<i>Tuball Kahan</i>
DO-IN	<i>Giovanni Sória</i>
ENIGMA DO AMANHÃ	<i>Georges A. Makhoud</i>
ALQUIMIA SATANISMO CAGLIOSTRO	<i>P. Borelli</i>
INTRODUÇÃO À CABALA MÍSTICA	<i>Alan Richardson</i>
OS CHACRAS	<i>Peter Rendel</i>
CROMOTERAPIA – A CURA PELAS CORES	<i>Mary Anderson</i>
NUMEROLOGIA	<i>Mary Anderson</i>
QUIROMANCIA	<i>Mary Anderson</i>
AQUÁRIO – A NOVA ERA	<i>Jaap Huibers</i>
PROPRIEDADES OCULTAS DAS ERVAS & PLANTAS	<i>W. B. Crow</i>
USO MÁGICO DAS PEDRAS PRECIOSAS	<i>W. B. Crow</i>
PODER PSÍQUICO DA HIPNOSE	<i>Simeon Edmunds</i>
PRÁTICA DA MAGIA RITUAL	<i>Gareth Knight</i>
PRÁTICAS E EXERCÍCIOS OCULTOS	<i>Gareth Knight</i>
COMO DESENVOLVER A PSICOMETRIA	<i>W. E. Butler</i>
COMO DESENVOLVER A CLARIVIDÊNCIA	<i>W. E. Butler</i>
COMO LER A AURA	<i>W. E. Butler</i>
INTRODUÇÃO À TELEPATIA	<i>J. H. Brennan</i>
REENCARNAÇÃO – REVELAÇÃO DE OUTRAS VIDAS	<i>Michael Howard</i>
USO MÁGICO DAS VELAS E SEU SIGNIFICADO OCULTO	<i>Michael Howard</i>
A MAGIA DAS RUNAS	<i>Colin Bennett</i>
VIAGEM NO TEMPO	<i>Eric Maple</i>
A ANTIGA ARTE DE CURA ESPIRITAL	<i>Robert H. Leftwich</i>
A ANTIGA ARTE DA RABDOMANCIA	<i>Preston Crownmarsh</i>
ASTROLOGIA	<i>G. A. Dudley</i>
SONHOS – SEUS MISTÉRIOS REVELADOS	<i>Steve Richards</i>
LEVITAÇÃO	<i>Steve Richards</i>
INVISIBILIDADE	<i>Leo Vinci</i>
INCENSO	<i>Murry Hope</i>
TÉCNICAS DE AUTODEFESA PSÍQUICA	<i>Stephen Fuller</i>
GINSENG	<i>John Mumford</i>
IOGA PSICOSOMÁTICA	<i>Frank Lind</i>
COMO INTERPRETAR O TARÔ	<i>Tom Riseman</i>
INTRODUÇÃO AO I CHING	<i>Peter West</i>
GRAFOLOGIA	<i>Anthony Martin</i>
TEORIA & PRÁTICA DA PROJEÇÃO ASTRAL	<i>Robert Hollings</i>
MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL	<i>Noud V. D. Eerenbeemt</i>
SEU TALISMÃ PESSOAL	<i>Jack F. Chandu</i>
RADIESTESIA – MANUAL DO PÊNDULO	<i>Jack F. Chandu</i>
CURA PELAS MÃOS	<i>Georges A. Makhoud</i>
DIMENSÃO MISTERIOSA DO HOMEM	

**ou utilize o nosso serviço de Reembolso Postal
01065 – Caixa Postal 9686 – São Paulo-SP**

Impressão e Acabamento

**Gráfica Editora
Camargo Soares Ltda.**



Rua da Independência, 767 ·
CEP 01524 · Cambuci · São Paulo - SP
Tel.: 274-6088

Filmes fornecidos pelo editor

NOUD V. D. EERENBEEMT

SEU TALISMÃ PESSOAL

Manual de magnetismo e pranoterapia

Muitas forças estranhas atuam de forma importante — positiva ou negativamente — em nossa vida. Nem sempre estamos preparados para enfrentar as vibrações que emanam de fontes externas e nem ao menos sabemos como usar e aumentar ao máximo as nossas energias. O talismã tem o poder de reforçar a energia que possuímos.

Noud van den Eerenbeemt sugere, através desta obra, o tipo de talismã que melhor se adapta ao seu caso.

A escolha do formato fica a critério do leitor. Feito isso, reveste-se-o com o metal preferido ou outro material e os símbolos apropriados.

Assim, podem-se sentir num curto espaço de tempo as vibrações benéficas que o talismã enseja.

O leitor pode fazer seu próprio talismã, trazendo à tona suas capacidades reais, além de obter o sucesso que tanto almeja em sua vida. Noud van den Eerenbeemt inclui também ensinamentos que permitem a perfeita consciência do "eu", fato que, aliado ao uso do talismã adequado, permite encontrar a verdadeira identidade.

ISBN 85-289-0166-1